



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA TRAJETÓRIA DE CHICO PEREIRA NO
CANGAÇO NA CIDADE DE NAZAREZINHO-PB (1918-1928)**

SAMARA DA SILVA ANDRELINO

CAJAZEIRAS-PB

2015

SAMARA DA SILVA ANDRELINO

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA TRAJETÓRIA DE CHICO PEREIRA NO
CANGAÇO NA CIDADE DE NAZAREZINHO-PB (1918-1928)

Monografia apresentada a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências sociais do Centro de Formação de professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Silvana Vieira de Sousa

Cajazeiras-PB

2015

SAMARA DA SILVA ANDRELINO

A559h Andreino, Samara da Silva
História e memória da trajetória de Chico Pereira no cangaço na cidade de Nazarezinho- PB(1918-1928). / Samara da Silva Andreino.
- Cajazeiras: UFCG, 2015.
57f. il.
Bibliografia.

Orientador (a): Prof.(a).Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Graduação) – UFCG.

1. Dantas, Francisco Pereira- memória. 2. Cangaceiros.
3.Vingança. 4. Nazarezinho- Paraíba- 1920-1928. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –929

SAMARA DA SILVA ANDRELINO

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA TRAJETÓRIA DE CHICO PEREIRA NO
CANGAÇO NA CIDADE DE NAZAREZINHO-PB (1918-1928)

Aprovado em: _____/_____/_____

Prof^ªDr^ª Silvana Vieira de Sousa
Universidade Federal de Campina Grande
(Orientador)

Examinador (a)

Examinador (a)

Cajazeiras-PB

2015

Dedico este trabalho a minha mãe,
exemplo de mulher guerreira!

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo agradeço à *Deus* que me deu forças para alcançar mais um projeto em minha vida. Meus pais, que sempre acreditaram no meu sonho e me ajudaram da melhor forma possível, e meu esposo, torcedor fiel do meu sucesso.

Não tenho como expressar minha gratidão para o excepcional corpo docente do curso de história da UFCG. Em especial, minha orientadora Professora/Doutora *Silvana Vieira De Sousa* extraordinária profissional, por sua generosidade, fé e orientação espetaculares.

E por fim, seria um relapso se não mencionasse a família de CHICO PEREIRA que contribuíram com seus preciosos depoimentos.

ANDRELINO, Samara da Silva. **História e Memória da Trajetória de Chico Pereira no Cangaço na cidade de Nazarezinho – PB (1918 – 1928)**. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2015.

RESUMO

Este trabalho de monografia possui como tema geral de pesquisa o cangaço, fenômeno social que configurou no nordeste brasileiro deixando marcas na cultura, memória e imagética popular. Seus primeiros traços surgiram por volta do século XVIII, passando pelo XIX e alcançou seu auge nas primeiras décadas do século XX. Buscou-se descrever parte da história significativa para a criação desses bandos na Paraíba, enfatizando a política e o domínio dos coronéis da época. O cangaceiro não seria um revoltado contra o coronelismo. Pelo contrário: se complementam. Eles associavam-se aos poderes locais ou impunham-se contra eles, resolvendo querelas e pendências conflituosas. Estas situações dependiam das circunstâncias do momento. O objeto da pesquisa se apresenta na figura do cangaceiro chamado Francisco Pereira Dantas, conhecido por Chico Pereira, um cangaceiro diferenciado dos demais atuando no sertão nordestino, que entrou no cangaço para vingar a morte do seu pai, João Pereira. A problematização se dá em torno, a partir da sua vida e trajetória no cangaço entre os anos de 1920 -1928, na cidade de Nazarezinho – PB. A partir da obra ‘Vingança , Não’ de autoria de Francisco Pereira Nóbrega, de relatos e depoimentos, de pesquisas em sites e consulta de outros autores foi construída toda trajetória que buscou compreender os principais fatores de surgimento do cangaço para a elaboração da imagem do cangaceiro diferenciado dos demais componentes dos bandos, e entender a história do homem sertanejo preocupado com a justiça de seu povo que herdava o sentimento de vingança.

Palavras – Chave: Cangaço. Bandos. Vingança.

Andrelino , Samara Silva. History and memory of Chico Pereira trajectory in Cangaço in the city of Nazarezinho - PB (1918-1928) . Monograph (Degree in History) - Federal University of Campina Grande , Paraíba, 2015.

ABSTRAT

This thesis work has as a general theme of research the bandits, social phenomenon that set in northeastern Brazil leaving marks on culture, memory and popular imagery. His first traces emerged around the eighteenth century through the nineteenth and reached its peak in the early decades of the twentieth century. He attempted to describe part of the significant history to the creation of these bands in Paraíba, emphasizing the policy and the dominance of the colonels of the time. The bandit would not be a revolt against the Colonels. On the contrary, they complement each other. They associated themselves to local authorities or imposed against them, resolving quarrels and conflicting pending. These situations depend on the circumstances of the research time. The object shown in the figure bandit named Francisco Pereira Danas, known as Chico Pereira, a differentiated bandit of others working in the northeastern hinterland, which entered the bandits to avenge the death of his father, Jiao Pereira. The questioning revolves around, from his life and career in cognac between the years 1920 -1928 in the city of Nazarezinho - PB. From the book 'Revenge, No "'by Francisco Pereira Nobrega, reports and statements of research on websites and consultation of other authors we arrived the whole path that sought to understand the main cangaço appearance factors for the development of image differentiated from the other components of the bandit gangs, and understand the history of country music worried man with the righteousness of his people that inherited the feeling of revenge.

Key -words : Cangaço . Flocks. Revenge.

LISTA DE FIGURA

Figura 01: Lampião em Juazeiro do Norte.....	27
Figura 02: Lampião e Maria Bonita	28
Figura 03: Casa de Chico Pereira.....	33
Figura 04: Belezas da fazenda Jacu em Nazarerinho.....	34
Figura 05: Chico Pereira	37
Figura 06: Jardelina Nóbrega	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. ESTRUTURA SOCIAL E COTIDIANO DA PARAÍBA EM FINS DO SÉCULO XIX E ÍNICIO DO SÉCULO XX	13
1.1 Familismo e predomínio do poder local	13
1.2 O algodão e o gado na Paraíba em tempos de cangaço.....	17
1.3 Estrutura do poder da Paraíba e conflitos sociais.....	18
2. HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DO CANGAÇO.....	21
2.1 O cangaço na literatura clássica regional	24
2.2 Os cangaceiros	25
2.3 O cangaço na Paraíba e na vida de Chico Pereira	30
3. CULTURA E VIOLÊNCIA SOCIAL NA HISTÓRIA DO CANGACEIRO CHICO PEREIRA	32
3.1 Seca e flagelo social no meio social ao qual fazia parte Chico.....	32
3.2 A trajetória de Chico Pereira no cangaço 1922 à 1928	36
3.3 <i>Vingança não</i>: uma versão da história de Chico Pereira no cangaço	37
3.4 O assassinato: injustiça e vingança passional	38
3.5 A entrada no cangaço como um infortúnio familiar	40
3.6 A história de Chico Pereira como cangaceiro	43
3.7 “ Os novos” tempos no poder e na política na paraíba e o fim de Chico Pereira	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

Desde os anos iniciais da colonização, a realidade material e social vivenciada pela população do Nordeste brasileiro se agrava como resultado dos problemas estruturais gerado pelo negocio agro- exportador do açúcar e do algodão, fundado na exploração da mão de obra escrava e dos pobres livres. No sertão, mais um componente se alia a essa realidade gerando fome, miséria, morte, e em momentos distintos o abandono da região. O clima semiárido, castigado pelas estiagens de chuvas penalizava a agricultura, a pecuária e o abastecimento de água para consumo depopulações inteiras. Como um agravante, a seca gerava o desemprego forçado fazendo migrar levas e mais levas de sertanejos miseráveis.

A grande seca de 1877 – 79 ocasionou efeitos catastróficos para todo o nordeste brasileiro, principalmente a zona do sertão. Pessoas morreram de fome, sede e varíola. Multidões deixavam o sertão para tentar escapar da morte. E foi neste clima de calamidade pública que surgiram os primeiros grupos de cangaceiros.

A desigualdade social e a política hierárquica definida por uma elite que menospreza os pobres, faz valer a violência física e moral gerando um constante estado de tensão e conflitos caracterizados por ações que deixaram marca na história e na cultura regional paraibana como foi a ação dos chamados bandos de cangaceiros, homens armados, que por décadas travaram confronto com os senhores proprietários da região através de batalhas e conflitos armados. Um período onde a sociedade pobre era explorada, e a única saída para escapar da dominação dos latifundiários para muitos, era a entrada no bando, esses homens comuns não tinham opções por novos caminhos e a saída acabava sendo o cangaço como forma de protesto social segundo, a obra "CANGACEIROS E FANÁTICOS" DE RUI FACÓ. É justamente nesse momento, que se inicia as revoltas da população, (devido a falta de oportunidade) e o surgimento do bandido que com o passar do tempo se chamará cangaceiro.

O cangaço é um tema que continua fascinando e inspirando obras em numerosas áreas: antropologia, sociologia, história, literatura, arte, filmes documentários e telenovelas. Mas para além de sua atualidade como tema de estudo, nossa escolha pelo tema deve-se, sobretudo em função das observações que vinha fazendo sobre a história de meu município e a quase ausência de tematização da história do conterrâneo Chico Pereira quando integrante do cangaço. Assim, resolvemos trazer para a literatura histórica essa contribuição inicial fazendo uma leitura do livro de memória Vingança, não.

Para essa abordagem organizamos o trabalho em três capítulos assim dispostos: O primeiro capítulo se constitui em uma breve contextualização da estrutura social e do cotidiano da Paraíba em fins do Século XIX e início do Século XX, enfatizando o familismo e o poder local, advindo da economia do algodão e do gado no sertão paraibano. Nessa estrutura de poder, destaco as relações de coronelismo, dos grandes latifundiários e os modos de vida dos sertanejos que sob a influência dos coronéis conheceram diversas revoltas sociais, dentre as quais podemos destacar a formação e atuação dos grupos do cangaceiros.

O segundo capítulo discute de forma específica a história e historiografia do cangaço, da formação dos primeiros bandos, enfatizando as visões de alguns autores que os estudaram. Descrevemos aqui as visões do cangaço na literatura clássica regional: como banditismo social, fanatismo e heroísmo e o cangaço como movimento social. Neste capítulo também é descrito o cotidiano dos bandos, seu modo de viver e enfrentar os conflitos, a vingança e o conflito vivenciado pela família acometida pelo infortúnio de convívio com uma realidade ou episódio do mundo do cangaço, esta situação, lhes reserva insegurança e lhes roubavam a paz.

O terceiro e último capítulo destaca a história de Francisco Pereira, considerado como homem valente que pagara pelos os seus erros, e provara que o cangaceiro não era apenas um perverso, havia os que como ele, eram homens honestos, incapazes da menor crueldade gratuita. Sua entrada no cangaço advinha do fato de que como filho de sua época, com 21 anos, isolado do mundo na fazenda do pai, o respeitado coronel João Pereira habitante da pequena cidade de Nazarezinho – PB tivera que vingar a morte do mesmo. Embora no leito de sua morte em 1923, este tivesse pedido ao filho que não vingue seu assassinato.

Chico Pereira como ficou conhecido, até tentou obdecer ao pedido do pai mas após a terceira ida á delegacia, em busca de justiça por parte das autoridades para o assinato do seu pai, sem resultados, resolve então, fazer o trabalho que seria destinado à polícia de encontrar o assassino de seu pai, que por motivos políticos e como atitude muito comum na época, logo apos ter cometido o assassinato fora solto. Então, Chico Pereira convenceu-se, de que já fizera a vontade do pai: "entregar à justiça", agora ia fazer a vontade de seu coração: VINGANÇA. Não demorou muito, Chico Pereira foi pego pela polícia que covardemente anunciou sua morte como um trágico acidente de carro, envolto de mistérios. Após sua morte, componentes da família Pereira foram executados pela ira que devorava a família inteira, episódio este narrado na obra: “VINGANÇA, NÃO" de F. PEREIRA NÓBREGA.

Este personagem ainda permanece vivo na memória popular de moradores de Nazarezinho - PB e familiares de Chico Pereira. Sua trajetória relatada nesse capítulo tem como fonte essa obra cuja escrita conforme anuncia o autor tem por base a oralidade. Esse

nordestino é um representante natural do meio e tempo em que viveu: homem sertanejo, valente, rebelde representante do poder e justiça dos proprietários e dos mais fortes.

O principal objetivo deste trabalho é focar a visão sobre o cangaço especificando como se deu o surgimento destes grupos e como foi a vida dos cangaceiro Chico Pereira, o que o influenciou à aceitar essa vida nômade de cangaceiro exposto às rivalidades e conflitos que o levaram a morte como conforme narra a obra de Nóbrega (1989).

A fim de colher mais informações, tentarei mostrar a importância dessa história para a cultura da cidade, e para a radiografia social do povo sertanejo. Procuo mostrar que Chico Pereira, assim como os demais cangaceiros eram vítimas da crueldade das secas e de uma estrutura social de poder pautada na violência, eram homens sempre propensos à rebelião e a violação da ordem. Neste mundo, não há vencedores nem vencidos, é uma constante guerra com histórias de misérias e de injustiças diversas.

Assim, o presente trabalho pode ser classificado como uma pesquisa bibliográfica, que tem por objetivo analisar uma interpretação sobre a trajetória e vida de Chico Pereira como um integrante do cangaço. Para tanto destacamos as interpretações historiográficas já tradicionais sobre a temática geral do cangaço ressaltando as obras de autores como: Maria Isaura Pereira de Queiroz, Hobsbawn (1976), Janotti (1992) dentre outros autores.

1. ESTRUTURA SOCIAL E COTIDIANO DA PARAÍBA EM FINS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

1.1 FAMILISMO E PREDOMÍNIO DO PODER LOCAL

Nas primeiras décadas da República o cotidiano e na vida social do Nordeste era regulado sob o domínio das estruturas de poder local do familismo¹. O laço de comunhão entre famílias permitiu, estruturou e manteve o poder do senhor local ou de chefe familiar, dono das propriedades de terra, de açúcar, de cacau, de algodão, do gado e do comércio.

No contexto do Estado da Paraíba, assim como em todo o Nordeste, esse fato era concretamente notável. As riquezas e poder se concentravam nas mãos de poucos e por isso, a opressão sobre os mais pobres era sempre mais severa. A fome, a miséria somada à seca ou períodos de estiagem mais presentes a partir da segunda metade do Século XIX, e ao sistema político oligárquico formava um elo de passagens para grandes mazelas sociais. No campo da política nacional, a manutenção e os arranjos entre poder local e poder central gerou um sistema oligárquico sobre o qual já se tem uma vasta literatura.

O termo oligarquia, em seu sentido etimológico, significa o poder e autoridade concentradas nas mãos de poucas pessoas, podendo estas pertencerem ao mesmo partido, classe social ou família. No caso brasileiro, o sistema oligárquico se fundamentou na estrutura familiar e na classe dos proprietários de terra. Suas raízes se encontram no Brasil-Colônia, com a força do núcleo familiar detentor de grandes extensões de terra e exercendo inúmeros cargos administrativos. Com a formação do Estado Nacional, esses núcleos familiares passaram a receber a denominação de oligarquias, apesar das tentativas do Estado centralizador de reduzir o poder regional através da indicação pessoal, dos Presidentes de Províncias. Porém, na maioria das vezes, estes se vinculam aos chefes políticos locais.

¹ Familismo corresponde a uma política familiar pouco desenvolvida, associada a sistemas de proteção familiar baseadas no homem provedor e na centralidade da família como provedora de cuidados e bem-estar. (MIOTO, CAMPOS, CARLOTO, 2015 – pag.102)

Na visão de João Gualberto, compreender os instrumentos para a conservação do coronelismo no Brasil, é “necessário insistir na importância da estrutura familiar para a conservação do coronelismo” (1995, pag. 42). Neste caso, o familismo era formado por grupo de indivíduos unidos por laços e parentesco sanguíneo, relações de compadrio ou uniões patrimoniais.

No mesmo raciocínio Janotti (1992) afirma que o continuísmo no poder de membros de determinadas famílias, apesar das sensíveis transformações após 1930, representava a solidez de influência do grupo familiar, história contemporânea do Brasil.

Com base em Ianni (1975), podemos observar que no regime oligárquico, o poder não é decidido de acordo com a decisão coletiva, visto que o povo adere a ela, por meio de atos ilicitamente acessíveis às práticas tradicionais de compra e troca, comumente aceitas (por falta de instrução intelectual e política), como a troca de favores, a violência e a resignação ao status quo. Essas oligarquias tinham raízes nos diversos setores, da economia açucareira, algodoeira, pecuarista e cafeicultora. Embora entre as próprias oligarquias acoressem constantes rivalidades, elas se mantinham unidas para impedir a criação de organizações da sociedade a exemplo dos sindicatos afim de manter o controle do poder sem a intervenção popular.

Nesse contexto, os partidos políticos serviram às oligarquias, visto que os grupos correligionários se apossaram das legendas nos estados e, assim, de forma hegemônica conquistaram e mantiveram-se no poder regional. Esse processo acontecia na “base do critério pessoal”, como coloca Carone (1974), que definia os deputados, juízes, funcionários públicos. Todos esses cargos dependiam do governo, o que gerava uma extrema dependência às oligarquias.

Podemos observar a partir da leitura sobre a temática que as oligarquias mantinham vínculos com o povo de várias formas, mesmo que fossem esses os piores possíveis. O empreguismo era uma das principais ferramentas usadas para conquistar a hegemonia através do domínio do povo. A dependência dos favores. O nepotismo, a corrupção eleitoral e o medo de colidir com o poder dominante, visto que era quase impossível a derrubada, sem estratégias políticas embasadas em projetos convincentes e inovadores.

Em uma dessas situações e se colocando como oposição, por um período, Epitácio Pessoa, um dos Governadores da Paraíba no Período Republicano, ressalta, em carta a João Tavares, a seguinte mensagem:

Nestas condições, pretender a oposição alcançar o poder pelo processo ordinário e legal das urnas, é pretender uma utopia. Resta, pois, o recurso da aproximação, do acordo, da fusão com os elementos governistas, dadas certas condições, aproveitados com habilidade certas circunstâncias e respeitados em todo caso os melindres pessoais e políticos do partido. (ALMEIDA, 1965, p. 262)

Uma vez entendido que as oligarquias se mantinham hegemonicamente no poder, este fato não era “eternamente” constante, haja vista que alguma alternância de poder haveria de acontecer em um certo tempo. Isto implica dizer que, a Primeira República não se caracterizo pela harmonia constante dos partidos. Mudanças aconteceram e, não estiveram direcionadas ao sistema em si, mas a um novo aparelho político que concentrava forças nas bases estaduais

e nos pequenos municípios. Esse sistema representou uma das mais características formas de opressão, tendo em vista que com ele, aumentou a desigualdade de classe, sobretudo, à distribuição desigual e extremamente irregular de terras, como coloca Soares (1973).

Esse sistema oligárquico talvez não tenha sido exterminado totalmente, pois podemos notar até hoje, sobretudo no cenário paraibano, as oligarquias se redefinindo de outras formas, e outros moldes, na tentativa de permanecerem no poder. Vemos ainda, o povo diante de quase as mesmas formas de submissão e dependência de mesma essência do regime oligárquico.

No contexto de articulação dessa política oligarca na Paraíba do final do século XIX e início do Século XX, não podemos deixar de destacar o papel do coronel enquanto “instrumento” expressivo na dinâmica do Estado Oligárquico.

O termo “Coronel”, segundo o dicionário Aurélio, significa

:s.m. Oficial superior do exército cuja graduação é imediatamente inferior à de general-de-brigada. (Compete-lhe teoricamente o comando de um regimento.) / Bras. Chefe político ou latifundiário do interior do país. / Bras. Pop. Homem, geralmente dotado de posses, que se encarrega do sustento de sua amante. (HOLANDA, 2010, p.187)

Para Ferreira (1993) em abordagem sobre a temática mesmo após os cidadãos alfabetizando dispo do seu direito de voto, não consistia, de fato uma nova conjuntura eleitoral, servia, no entanto, para aumentar o número de “votantes rurais e citadinos”, como coloca Queiroz, (1977). Visto que, estes estariam cumprindo o mesmo papel dos anteriores, ou seja, de obedecer aos “mandões”, aos poderosos políticos detentores do poder durante muito tempo. A estrutura política se mantinha perpetrando as mesmas linhas partidárias e os mesmos mecanismos de apossamento de cargos públicos e influências partidárias pelos aliados.

De acordo com Ferreira (1993), a Paraíba, assim como a maioria dos Estados do Nordeste, não dispunha de um partido Republicano, o que dificultou a alteração dos quadros políticos. “O partido Republicano só veio a ser fundado no Estado a 30 de março de 1892, pelo então Presidente Álvaro Machado” (Ferreira, 1993, p. 22)

Como exemplo da posição ferrenha e quase irreversível dos “mandões” coronéis da Paraíba, Carone (1975) cita os Pereiras no Município de Princesa Isabel e redondezas que se mantiveram no poder durante décadas à sombra do coronel Marcolino Pereira membro do partido liberal e depois membro do partido Conservador. Este, chefia a política na Paraíba

até 1905, deixando o poder somente depois da sua morte, passando então para seu filho José Pereira que usando de estratégias firmes, tronou-se um membro ímpar no domínio estadual.

Os coronéis, querendo firmar forças no poder, usufruíam de seus bens materiais para sustentar a força do seu poder local legitimando-a perante às forças políticas do Estado através da soma dos votos para suas alianças partidárias. Daí então que se originou o chamado “voto de cabresto”. Votos “arrastados” pelos coronéis a fim de atender as suas reivindicações pessoais, de parentela, de clientela ou de ordem pública, como coloca Ferreira (1993).

Assim sendo, podemos considerar o Coronelismo como uma espécie de dinâmica pela qual movimentou a articulação da política oligárquica da Primeira República e no Estado da Paraíba, em especial.

Partindo desse pressuposto, o coronelismo é entendido como um sistema político nacional, fundamentado em barganhas entre o governo central e o poder local dos coronéis. Neste caso, o governo estatal garante o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, garantindo-lhe o controle de cargos públicos de grande valia, desde a professora do primário a cargos de alto escalão como o delegado de polícia.

Em se tratando de relações de poder, Fortunato (2000) descreve que para Faoro o coronel seria um indivíduo altamente eleitoral, em que sua liderança política se desenvolvia a partir da sua liderança econômica, e o fundamento para que o seu poder se legitimasse estaria a aliciação de eleitores e o no propósito das eleições. (p. 29) No entanto, o domínio do coronel derivaria mais do seu prestígio e da sua honra social, tradicionalmente reconhecidos, ao invés da situação econômica. Logo as relações de poder, só estariam configuradas como relações institucionais.

Na concepção de Maria de Lourdes Mônaco Janotti, a sucessão da tradição do poder coronelista perdurou devido à preocupação do coronel de morrer e acabar com o império de sua influência. Devido a esta preocupação, eram tomadas medidas práticas ainda em vida, apresentando para seus eleitores seu futuro sucessor. (JANOTTI, 1992, p. 79-80).

Para Maria Isaura Pereira de Queiroz, o fator determinante do sistema coronelista esta centrado no grupo de parentela que incluía uma vasta rede de familiares, amigos, capangas e agregados dos proprietários fazendeiros os quais sujeitavam do poder, do dinheiro e da proteção de um chefe local; portanto o prestígio dos coronéis lhes advinha da capacidade de prestar favores. (QUEIROZ, 1976, p. 180 e 181).

Como diz Queiroz tratava-se de um tipo de relacionamento entre a parentela e o compadrio. Para a autora o compadrio era uma espécie de parentesco espiritual que criava vínculos de afinidades tão poderosas quanto aqueles de sangue:

Um grande coronel era também em geral, o chefe de extensa parentela, de que ocupava por assim dizer o ápice. Esta era formada por um conjunto de indivíduos reunidos entre si por laços de parentesco ou carnal, ou espiritual (compadrio), ou de aliança (uniões matrimoniais). Grande parte dos indivíduos de uma parentela se originava de um mesmo tronco, fosse legalmente, fosse por via bastarda; as alianças matrimoniais estabeleciam laços de parentesco entre as famílias, quase tão prezados quanto os de sangue; finalmente, os vínculos do compadrio uniam tanto padrinhos e afilhados quanto os compadres entre si, de modo às vezes mais estreito do que o próprio parentesco carnal. (QUEIROZ, 1976, p. 179 e 180).

Na Paraíba, como em outros estados circunvizinhos, esse poder fora possível graças às posses dos senhores proprietários das terras do algodão e do gado.

1.2 O ALGODÃO E O GADO NA PARAÍBA EM TEMPOS DE CANGAÇO

Foi com base nessa estrutura agrária e de poder de grupos de parentela que se firmaram e se mantiveram às práticas do chamado sistema do coronelista na Primeira República. O domínio da política e o acúmulo de poder das famílias e dos coronéis nordestinos em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX foi construído sob o controle das terras das quais dependia os pobres e trabalhadores para sobreviverem, atuando como lhes era determinado pelos senhores na criação de gado e da produção do algodão. Tratava-se de uma produção de mercadorias que entraram no circuito comercial mercantil interno e externo a exemplo do algodão.

O algodão foi um produto muito importante para a economia da Paraíba, segundo Ferreira (1993), este produto teve o seu apogeu no século XIX. Durante a Primeira República e com o advento da Indústria têxtil nacional é que o algodão passou a ser um produto com peso expressivo no mercado interno. “Em 1920, a produção de algodão por Estado apresentava a seguinte colocação: 1º São Paulo; 2º, Pernambuco; 3º, Paraíba; 4º, Ceará e 5º, Rio Grande do Norte.” (Ferreira, 1993, p. 30).

De acordo com a autora, muito embora o Estado estivesse preocupado com a política tributária, havia certo interesse também em estabilizar, para ampliar, a produção latifundiária. Assim, foram criadas medidas de intervenção para dinamizar esta produção, destacando-se entre elas, a instituição de prêmios de incentivo à agricultura, criação de carteiras de créditos agrícola, implantação de escolas agrícolas e agropecuárias, além do da criação do serviço de

proteção ao algodão e contra a lagarta rosada. “O serviço de Defesa do Algodão foi criado em 1917, visando atender e orientar os produtores, através de 14 seções instaladas no Estado.” (Ferreira, 1993, p. 37)

O algodão era cultivado em todas as microrregiões e constituía-se no produto de maior peso na economia paraibana. Além dos impostos arrecadados sobre a sua exploração, as rendas fiscais do Estado eram provenientes da exportação do gado, do açúcar, do café, do caroço de algodão e da mamona; e ainda dos seguintes impostos: gado abatido, dizimo do gado, indústria e profissões, importações pelas barreiras, selo, décima urbana, embarcações, heranças e legados, aguardente, álcool, mel, sola e couro curtidos, borracha, cimento, coco e de outras origens. (Ferreira, 1993, p. 37)

De modo geral, podemos perceber que a Paraíba no contexto da economia Nacional, durante a Primeira República teve um percentual favorável, visto que nesse período verificou-se o apogeu do algodão e outros produtos como o coco. De acordo com estudos da autora supracitada, em 1920 a Paraíba era o 3º produtor de algodão, 4º em coco, 7º em batatas, 8º em fumo e açúcar, 10º de mandioca e café, 15º de milho e feijão.

Havia para a produção da agricultura em geral máquinas a vapor ou tração animal, porém muito escasso. Em especial para os beneficiadores do algodão existiam aproximadamente 470 máquinas disponíveis para o processo de descaroçamento, o que significava um nível razoável de produção.

Na Paraíba republicana também, em seis municípios da Zona do Cariri, regiões de clima úmido, mas geralmente seco como o sertão, havia a criação do maior rebanho de gado da Paraíba. Nessa região a principal atividade era a pecuária, possuindo, segundo pesquisas realizadas por Ferreira (1993) 37% do gado existente no território paraibano.

1.3 ESTRUTURA DE PODER DA PARAÍBA E CONFLITOS SOCIAIS

Em se tratando da estrutura de poder na Paraíba, Almeida (1965) afirma que foi durante a Primeira República que a política oligárquica alcançou seu apogeu. Deste modo, foram as peculiaridades da produção econômica da Paraíba que moldaram um movimento próprio que direcionou a composição de suas oligarquias e seu posicionamento na hierarquia do poder.

Os senhores proprietários ditos coronéis exerciam várias funções na ausência do Estado, agiam como detentores do poder político, jurídico e legislativo. Esse período essa situação de concentração de propriedades e poder nas mãos dos senhores, modelam modos de

vida marcados por escassez, ignorância, pobreza, miséria significativa deixando a maioria da população em uma condição de extrema dependência.

Facó (1972) coloca que a ditadura dos ponteados rurais, havia por muito tempo relegado os pobres do campo à condição de objetos. Sendo assim, a classe agrária predominante reconhecia no trabalhador da terra a figura do escravo, que era de fato e juridicamente. Mesmo após a abolição, ainda perdurava esse tratamento de escravidão, não levando em consideração o respeito do ser humano.

O autor ainda relata a diferença de poder estrutural dos pobres do campo e os detentores de autoridade, quando afirma:

A classe dos pobres do campo se achava à margem da sociedade constituída. Não tinha terra, nem outros bens, não tinha direitos, não tinha sequer deveres — além daqueles de servir ao senhor. Proliferando, em meio à miséria, seu número crescendo, o latifúndio estagnado não podia integrá-los totalmente em sua economia limitada. Temendo-os, dispersa-os. É a sua grande arma. A própria existência do latifúndio, açambarcando terras, expulsa-os de suas vizinhanças.

Diante desta situação, e além das secas que se agravavam e construíam cenários cada vez mais trágicos, os pobres trabalhadores do campo acostumaram-se procurar melhores condições de vida em outras localidades, criando-se então no Nordeste o que se chama de nomadismo e a figura do retirante.² Os nordestinos emigravam como podiam, seminus, descalços e famintos. A fome era companheira constante com isso se uniam sem nunca terem se visto e construíam laços de solidariedade. “*A seca mata-lhes a criação, queima-lhes a roça e não lhes resta sequer a água barrenta da cacimba rasa, cavada com a enxada junto ao casebre*”. (FACÓ, 1972 pág. 33).

Neste momento, em que os pobres do campo procuravam driblar a fome e a miséria ao mesmo tempo que a seca aumentava, manifestaram dois tipos de reação por parte dos mesmos. Facó (1972) em seu livro os diferenciam como:

- a) *A formação de grupos de cangaceiros que lutam de armas nas mãos, assaltando fazendas, saqueando comboios e armazéns de víveres nas próprias cidades e vilas;*
- b) *A formação de seitas de místicos — fanáticos em torno de um beato ou conselheiro, para implorar dádivas aos céus e remir os pecados, que seriam as causas de sua desgraça.*

² Como sabemos essa situação foi exemplarmente retratada pela literatura regional e paraibana na obra *A Bagaceira* de José Américo de Almeida.

Neste trabalho, daremos ênfase não a questão conceitual mas as informações acerca da formação dos grupos de cangaceiros e ao movimento, levando em consideração os principais fatos e momentos pelos seus participantes, como foi o caso de Chico Pereira objeto desse estudo, enfrentados.

2. HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DO CANGAÇO

A historiografia do cangaço ainda é bastante recorrente em nossos dias. Vários são os autores que em cada pesquisa montam o palco vivenciado por esses sujeitos sociais, formando assim conceitos e narrativas passíveis de múltiplas interpretações e entendimentos.

Conhecido como um fenômeno histórico cultural ocorrido no nordeste brasileiro, região pobre e de clima árido, em meados do Século XIX, entre os anos 1870 e 1940, nas primeiras décadas da República, caracterizou-se por ações violentas de grupos ou indivíduos isolados, os denominados cangaceiros, que assaltavam fazendas, sequestravam coronéis, saqueavam comboios e armazéns para sua sobrevivência, além de alegarem fazerem justiça com as próprias mãos. Não possuíam moradia fixa, perambulavam por todo o Sertão, fugindo e se escondendo das forças policiais, quando não as enfrentando em combates.

O termo cangaço em sua etimologia refere-se à imagem dos cangaceiros equipados com armamentos de fogo cruzadas ou atravessadas sobre o peito e costas. Maria Isaura Pereira Queiroz define o termo na seguinte passagem:

O termo é antigo, pois nessa região, já em 1834 se dizia de certos indivíduos que eles ‘andavam debaixo do cangaço’, designando particularmente os que ostensivamente se apresentavam muito armados, de ‘chapéu-de-couro, clavinotes, cartucheiras de pele de onça-pintada, longas facas esterçadas batendo na coxa’, como escreve o escritor cearense Gustavo Barroso (1997, p.15)

Assim, é possível caracterizar o movimento de indivíduos que portavam armas e cartucheiras cruzadas no peito, refletindo força, ousadia e valentia. Esses objetos é o que diferenciavam os cangaceiros dos outros indivíduos, como um distintivo de força e poder.

Cardoso (2014) afirma que uma possibilidade sobre a formação inicial dos grupos de cangaceiros tenha sido a partir da situação e quando esses indivíduos foram expulsos de um lugar onde morava há muito tempo, ou então foram humilhados frente à sociedade em que vivia, ou tiveram suas famílias desonradas. Na verdade, várias dessas hipóteses ainda são, levantadas e apresentadas nos estudos sobre a formação dos mesmos. Chiavenato (1990) no entanto, denomina os cangaceiros como bandoleiros, bandidos afirmando que:

Alguém era expulso da terra onde vivia havia anos; outro via a filha ser raptada e engravidada pelos coronéis e seus protegidos; outro ainda – a suprema humilhação para o nordestino – receba uma ou outra, onde batiam-lhe na cara quebrando sua “hombria”. A esses só restava a vingança. E sequer uma vingança social, que os colocaria contra seus inimigos de fato. Era uma vingança cega, que só podia ser cumprida se eles se pusessem a serviço do ofensor, praticando atos de valentia para

recuperar sua “macheza”. Naturalmente, não tinham percepção disso: bastava-lhes matar e agredir para recuperar a hombridade. Tornavam-se valentes, reconquistavam a honra. Eram respeitados por sua gente como vitoriosos, passando da ignomínia a uma existência gloriosa. Ingênua ou maliciosamente, muitos atribuem a entrada para o cangaço a simples revolta individual.

O autor assegura também que existe vários equívocos sacramentados como hipóteses verdadeiras, nas exposições sobre o início do cangaço. O trabalho da historiografia, nesse sentido, é buscar os fundamentos sociopolíticos, econômicos e acrescentamos, culturais que enquadram o entendimento do cangaço como manifestação social.

É importante salientar que as obras que discutem sobre o cangaço indicam que o mesmo nasce dentro de uma sociedade caracterizada como paternalista (THOMPSON, 1998), geradora de um sistema de negociação e conflito, sustentado numa cultura de violência, onde o que alguns autores chamam de banditismo aparece como um caminho, uma escolha ao sertanejo.

Eram homens da terra pessoas comuns que conheciam muito bem a mata, rotas de fuga, ervas medicinais, como também tinham auxílio de pessoas do seu conhecimento, que davam abrigos e os ajudavam na fuga, o que tornava uma missão difícil o Estado para captura-los.

A revista MNEMOSINE (2013) aponta as secas como um dos fatores primordiais para o surgimento dos primeiros bandos. A seca mais dura, que justicou as plantações, matou o gado e causou fome aos sertanejos, ocorreu exatamente entre 1877 – 1879. Sobre esse contexto, Queiroz diz:

As grandes secas periódicas eram especificamente favoráveis à formação de bandos independentes. Nesse período, os agricultores viam-se reduzidos a inatividade, a mais negra miséria desabava sobre os menos favorecidos da população, habitualmente resignadas, mas que se manifestavam então, e de seu seio saíam grupos de homens armados determinados a garantir na base de violência a subsistência da família (1977, pag 02).

Para esses intérpretes, o cangaceiro era reconhecido como um tipo de bandido social. Em 1969 Eric Hobsbawn lança o livro: Bandidos, obra que se tornaria referência no estudo do banditismo social. Conforme Hobsbawm, o banditismo social é um fenômeno universal, dado que as pessoas que viviam no ambiente rural teriam todos um modo de vida similar, determinado pela ligação direta à terra e a uma série de recursos naturais e de reciprocidades costumeiras na comunidade; portanto, o banditismo social não possui uma época definida numa cronologia evidente.

Ainda de acordo com o autor, o avanço para o capitalismo agrário não acontece num momento histórico específico e depende do momento em que se produz essa transição.

Nos países desenvolvidos, esta passagem aconteceu no século XVIII, enquanto nas sociedades da América Latina, no século XX. O momento em que começa o banditismo social pode não estar muito bem definido, mas está associado à desintegração da sociedade tribal ou à ruptura da sociedade familiar. O banditismo social acabaria com a disseminação do capitalismo industrial e com a consolidação do Estado Nacional, estando seu fim relacionado ao surgimento das classes, e da luta de classes que dariam uma nova orientação às lutas dos produtores rurais.

Levando em consideração a essa vertente, Carlos Dória (1981), afirma que o cangaço foi uma forma de banditismo social que ocorreu no nordeste brasileiro entre os anos de 1870 e 1940. Fazendo uso dessa categoria, Dória diferencia o “criminoso comum” do chamado bandido social. Este seria membro da sociedade rural, considerado criminoso pelo Estado e pelos grandes proprietários. No entendimento de Dória, esta figura social aparece em sociedades rurais que estão passando por uma mudança entre a organização tribal e a moderna sociedade capitalista. Entretanto, as transformações dos valores não acompanham as transformações materiais de uma sociedade. Por isso, o bandido social continua a fazer parte da sociedade rural, a qual o considera um herói, já que não reconhece no Estado e na classe dominante a legitimidade para o estabelecimento do que seria a lei.

Na concepção de Hobsbawm (1976), “o banditismo consiste em dois esquemas fundamentais para o fenômeno: o meio rural enquanto ambiente propício à origem e atuação dos bandos; e a constatação deste meio social como necessariamente pré-capitalista.” A proposta do autor é de que o banditismo social possa ser compreendido mais como um instrumento de articulação para o protesto social, apoiado no meio rural, do que apenas tumultos cotidianos.

Chiavenato (1990) concorda com essa passagem da seguinte forma:

Os cangaceiros eram uma classe potencialmente revolucionária, mas não eram revolucionários: sequer contestavam o sistema a não ser através de seu comportamento criminoso. Os cangaceiros vinham de um povo apático, quase abúlico, que sofria diante de uma realidade esmagadora, e que via na seca e não no latifúndio mono- exportador- a origem de sua desgraça. Não tinham tradição de luta social; não sabiam reivindicar.

Possivelmente, ação de bandos aconteceu em diversas regiões do Brasil, contudo a formação dos bando de cangaceiros, teve bastante expressão nos Sertões do Nordeste, devido

um alto número de mortes ocorridas e pela intensidade dos fatos e acontecimentos conhecidos e narrados.

A ideia corrente na historiografia sobre o cangaço, de que um dos fatores primordiais para o surgimento do mesmo tenha sido as secas ou estiagens devem ser relativizada, isto porque, entende-se que as secas ou períodos de estiagem tornavam-se mais um agravante da vida dos pobres sertanejos da Paraíba violentados em seu cotidiano por uma cultura de mando e sujeição dos pobres aos proprietários e detentores do poder e das suas regras de convivência.

2.1 O cangaço na literatura clássica regional

A importância ainda dada ao tema do cangaço é de grande valia para a literatura histórica brasileira. Esta importância vem gerando homenagens e visões variadas sobre este movimento. Sua memória é destacada por diversos momentos da cultura popular do Nordeste brasileiro. Diferentes autores se destacaram por suas numerosas obras relacionadas ao tema do cangaço, com influências facilmente percebidas não só na literatura, se alastrando também ao teatro, no cinema, na música, na culinária, no artesanato, ou seja, em inúmeras manifestações ligadas ao cotidiano popular.

De acordo com Sá (2010) o movimento do cangaço foi tido com inspiração na prosa romanesca brasileira, o que serviu de inspiração literária aos primeiros livros relacionados a este movimento, como o livro *O Cabeleira*, de Franklin Távora, indo até os *Coiteiros* de José Américo de Almeida, *Os Cangaceiros e Pedra Bonita* de José Lins do Rêgo, dentre outros considerados pioneiros. Portanto, o autor conclui *que ‘a construção do romance mostra outra faceta da memória escrita e da poesia cantada pelo povo, que é a memória daqueles que não se tornaram volantes ou cangaceiros.’*

Concordando com esta relação, Maria Isaura Pereira de Queiroz afirmou que a utilização deste tema é comparado ao índio no romantismo da literatura brasileira, tendo em vista que logo após última guerra, esta figura passou a compor uma representação da nacionalidade.

Os autores que descreveram o cangaço, comprovaram certos conhecimentos que marcaram esta passagem. Como exemplo, podemos citar Jorge Amado, que menciona muitos detalhes da vida cangaceira, demonstrando seu conhecimento no modo de viver destes camponeses pobres, como mostra sua afirmação a seguir:

Aqui, na caatinga, habitam os cangaceiros. Os soldados da vingança, os donos do sertão. Não têm paz nem descalço, não têm quartel bivaques não têm lar nem transporte. Sua casa é seu quartel, sua cama e sua mesa são a caatinga, para eles bem-amada. Os soldados da polícia que os perseguem não se atrevem a penetrar por entre os arbustos de espinhos, os pés de xiquexiques e coás. Ao lado das serpentes e dos lagartos, Vivem os cangaceiros na caatinga, e também eles, por vezes, liquidam no tiro das suas repetições os sertanejos que descem e que sobem na contínua migração. JORGE AMADO (1999, Pag. 43-44)

Neste caso, o autor demonstrou conhecer bem a veracidade dos sertões, e da realidade do sujeito do cangaceiro, aproximando, assim, seu estilo literário à um relato histórico surpreendente em realidade.

Outro autor marcante para a literatura do cangaço é Rui Facó em *Cangaceiros e Fanáticos* (1963), que marca sua obra a ideia de que os fenômenos de “fanatismo religioso” e “banditismo” corriam por conta da estrutura feudal ou semifeudal do nordeste brasileiro. Assim sendo, Facó integra na sua obra a tradição cultural do sertão medieval, dentro da literatura de cordel, peças de teatro, romances etc., para marcar o retardamento da sociedade e economia nordestinas, assim como a ausência social do sertanejo, no intuito de transformar as relações semifeudais de produção. Neste caso, os camponeses pobres tinham como opções de vida, ingressar nos bandos cangaceiros e/ou aderir aos grupos religiosos de lideranças carismáticas. SÁ (2003).

Na concepção de Facó os camponeses que ainda não possuíssem objetivos bem definidos de suas atuações nos bandos de cangaceiros e/ou religiosos, estes movimentos revelavam o momento de enfrentamento e resistência ao poder do latifúndio. Nesse sentido, destacava a luta heroica do sertanejo para sua sobrevivência com rebeldia, o que tornava, muitas vezes, percussores de uma tradição revolucionária. Logo, o cangaceiro tornar-se-á um problema da história contemporânea e reconhecido, muitas vezes, como herói e mito político na luta contra os males do latifúndio

A literatura brasileira e a história, se enriquecem na medida em que se complementam. Cada uma com seu jeito de abordagem particular mas com o mesmo fundamento de apresentar o movimento. Agregam muitas informações na busca de descrições do cangaço, levando sempre em consideração as causas do movimento e seus respectivos protagonistas, que neste caso, eram os pobres camponeses sofridos com intensas secas e opressão diversas.

2.2 Sobre os cangaceiros

Conforme podemos deduzir da literatura em estudo eram cangaceiros, camponeses pobres dependentes da autoridade dos coronéis e dos senhores donos das grandes propriedades, uma gente sofrida com as castigadas secas, que começaram a unir-se em busca de um objetivo único e desejado por todos a luta. Essas pessoas ganharam o nome de cangaceiros por conta de seu movimento, o cangaço.

A partir dos anos 70 do século XIX começou a surgir vários bandos formados para vinganças de ofensas, fugas de situações opressivas ou até mesmo como um refúgio de viver. Paiva (2004) afirma nesta época surgiu o bando de Jesuíno Alves de Melo Calado (Jesuíno Brilhante, 1844 – 1879). Todavia, nas quatro primeiras décadas do Século XX aparecem em maior destaque. Logo surgiu outros bandos como o de Manuel Batista de Moraes (Antônio Silvino, 1875 – 1944), Sebastião Pereira da Silva (Sinhô Pereira, 1896 – 1976), Virgulino Ferreira da Silva (Lampião, 1898 – 1938), chegando ao fim com a morte de Christino Gomes da Silva Cleto (Corisco, 1902 – 1940).

Militão (2007) coloca que o chefe cangaceiro Sinhô Pereira é estimado como um cangaceiro vingador, em que se limita a combater por motivos de luta da sua família. Porém não necessitava de ajuda de outros comparsas, já que os integrantes de sua família eram suficientes para garantir a subsistência de seu bando.

Deste modo, não só Lampião era considerado com chefe cangaceiro, como também Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino e Sinhô Pereira por suas famílias se depararem em certos instantes como oposição. A morte do pai de Silvino e Lampião acarretaram em desejo de vingança, confirmando um dos propósitos dos bandos de cangaceiros: a vingança.

Dentre os principais cangaceiros, nenhum deles alcançou a celebridade de Lampião. Homem de grande valentia considerado justiceiro, extremamente respeitado no nordeste brasileiro como o bandido que matava a sangue frio. Conforme relatos sobre sua trajetória, à cada violência executada em busca de vingança ou para se imporem, novos inimigos surgiam.

Figura 01: Lampião em Juazeiro do Norte



Disponível em: http://4.bp.blogspot.com/-19OVTXgoMQ/TNcsXIAm9TI/AAAAAAAAAFk/CiwYIEoM_oQ/s1600/lampiao-1.jpg
Acesso em: 10/11/2015

Seu ideal de justiceiro e de homem de fé o teria levado ao encontro do líder religioso de juazeiro do Norte CE, tornando-o ainda mais famoso e conhecido. A foto acima desse encontro contribui ainda hoje para sedimentação de sua memória no imaginário social do nordestino.

Sobre sua vida pessoal e sua fama ao lado da companheira, sabe se que como conta Olivieri (1998), Lampião se apaixonou por Maria Bonita em um acampamento. A mesma era casada com um sapateiro, filha do dono de uma pequena propriedade e coiteiro do bando de Lampião. A mãe de Maria Bonita teria sido a responsável pela tomada de conhecimento de Lampião da admiração que sua filha sentia pelo mesmo. Após esse episódio, ela decide entrar no cangaço participando ativamente dos ataques com seu companheiro.

Figura 02: Lampião e Maria Bonita



Disponível em:

<http://2.bp.blogspot.com/BqHTeb7MS8/UVeLxLFpEXI/AAAAAAAAAEwA/YUjYFjsIuFQ/s1600/urItr.jpg>.

Acesso em: 10/11/2015.

A história de Lampião e Maria Bonita até hoje é mostrada nas telenovelas, nos documentários, no cinema e na literatura de cordel. Sendo assim, são figuras de cangaceiros muito presentes no imaginário e na cultura popular no Nordeste.

Retomando a abordagem e ideia anterior, com o passar dos tempos, os cangaceiros foram ganhando autonomia e se fortalecendo diante dos coronéis e poderosos chefes locais. A cada novo enfrentamento, os mesmos conseguiram obter o respeito que tanto apreciava.

Nesta mesma percepção, Menezes (1970, p.78) coloca que:

Nas últimas décadas, já nos começos da república as condições sociais vão mudando. Não desaparecem tais formas de cangaço. Mas passam a segundo plano. Tornam-se forças autônomas, que por uma espécie de cissiparidade social, se desligam do feudo e iniciam a luta por conta própria, contra a propriedade, contra a ordem social, muitas vezes discretamente apoiados por coiteiros travestidos em chefes políticos.

Todo este cenário de manifestação social, colaboraram para a formação de grupos de banditismo no Nordeste. Neste ponto, o autor elabora o conceito de banditismo social no que tange a formação do bandido social, investigando o que eles exigem e o por que a grande massa excluída do poder oficial se identifica com esses considerados bandidos e muitos dos seus discursos tentam legitimá-lo.

Em seu estudo Militão (2007), argumenta que para Facó, os cangaceiros eram considerados como vanguardeiros políticos, como o “prólogo da luta armada” que venceria suas lutas diretas e indiretas contra o latifundiário e encaminharia a revolução brasileira. Já na análise de Hobsbawn, os cangaceiros eram considerados como classe, como bandidos sociais, como uma categoria à parte, como vingadores. Assim sendo, ele enfatiza que:

O ponto básico a respeito dos bandidos sociais é que é proscrito rurais, encarados como criminosos pelo Estado, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa e são considerados por sua gente como heróis, como campeões, vingadores, paladinos, justiceiros, talvez até mesmo líderes da libertação e como homens a serem ajudados e apoiados. É essa ligação entre o camponês comum e o rebelde, o proscrito e o ladrão que torna o banditismo social interessante e significativo. HOBBSAWN (1976)

Wescley (2009) analisando a contribuição da historiografia de Hobsbawm para as análises do cangaço, coloca que:

os bandidos sociais são heróis de baladas, de histórias e mitos característicos que se mesclam simultaneamente com homens de carne e osso, que vivem em um estreito relacionamento com a imagem que deles fazem o povo. O bandido é assim uma figura presente em todos os tempos e possivelmente em quase todas as regiões do mundo. No Nordeste brasileiro, o autor irá identificar Lampião e os seus “cabras” como um tipo peculiar de bandido social, vendo o movimento por ele encabeçado como Movimento Social Pré-Político, já que na sua concepção esses movimentos estão longe de ser marginais, pois eles estão na origem e na própria raiz das grandes reviravoltas revolucionária do século XX. (pag 2-3)

Em meio a estas análises, temos que os cangaceiros advinham de uma população que sofria com a realidade opressiva, e com a desestruturação de sua origem causada pelas intensas secas naquela região. Lutavam para sobreviver e eram considerados perigosos, usando de suas astúcias para escapar das frequentes armações diárias.

Para Rui Facó, o grande protagonista de todo o cangaceirismo é sem dúvida, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, descendente de uma humilde família composta por pequenos criadores e cultivadores do Município de Serra Talhada, no estado do Pernambuco. Assim como aconteceu com as outras famílias da época, a família Ferreira foi perseguida. O autor relata que o estopim ocorreu com a morte de uma cabra, logo os irmãos Ferreira vingam-se assassinando um desafeto. Após esse acontecimento, os mesmos tentam se refugiar dos possíveis ataques contra eles no Estado de Alagoas. Neste local o patriarca da família é assassinado a mando das mesmas famílias que já o haviam perseguido em Pernambuco. A partir desse momento, ingressaram no cangaço, unindo-se Virgulino ao bando de Sebastião Pereira, Sinhô dos cangaceiros, então mais famoso do Nordeste, com objetivo de vingar a morte do pai. (FACÓ, 2009)

Partindo desse pressuposto, Militão (2007) também assegura que os irmãos Ferreira resolveram viver no crime e lutar para vingar a morte do pai, abandonando toda possibilidade de voltar a ter uma vida normal, pondo em perigo a vida de toda sua família, vivendo somente do cangaço, levando outros membros a cruzar limites e ingressar neste movimento social. A perversidade, a ousadia, combinadas com a crescente frustração de justiça teria contribuído para o sertanejo Virgulino ser reconhecido como cangaceiro justiceiro e vingativo.

É notório o impacto do conceito da vingança que “na vida dessas pessoas que viveram no cangaço, o que tornara para o sertanejo a força de um dever, um código de honra onde o verbo perdoar não existe e onde é covarde aquele que apanha ou é ultrajado e não reage.” MILITÃO (2007, pag 26). Sendo assim, o homem sertanejo que não defendesse sua honra e de sua família, não era respeitado como deveria ser.

Na Paraíba o cangaço foi ativo e vários foram os ataques de vingança e para conseguirem meios de sobrevivência. Cangaceiros como Lampião e Chico Pereira são exemplos e se destacaram nesse tipo de episódios.

2.3 O cangaço na Paraíba e na vida de Chico Pereira

Assim como nas outras regiões do Nordeste, a atuação do cangaço na Paraíba alcançou seu auge entre as décadas de dez e trinta, conseqüentemente quando começou o seu declínio. Os grupos de “bandidos” invadiam as cidades, saqueavam o comércio e matavam, ainda mais em momentos e em consequência da intensa seca e da fome que se alastrava por todos os lugares. Os bandidos ameaçavam a todo momento, sendo assim a polícia não conseguia combater a violência, nem garantir a vida do cidadão e da propriedade alheia.

Melo (1997) afirma que bandos de cangaceiros oriundos de Pernambuco ainda se encontravam em Monteiro PB, mas logo após a exclusão do bando de Lampião, por volta de julho de 1938 em Sergipe, o cangaço encontrava-se esgotado.

O que se sabe é que no início dos anos quarenta, os últimos cangaceiros foram exterminados na região de Ingá PB pela chefia de Polícia da Interventoria de Rui Carneiro.

Ainda com base no autor, o reduto messiânico de padre Cicero no Juazeiro foi desarmado a partir das informações que haviam chegado ao Sertão que a chamada Revolução de 1930 era voltada primordialmente contra as milícias privadas dos coronéis. Isso por que uma das inspirações dos grupos de cangaceiros era a religião popular do “padim Cicero”. As relações dos bandos com as formas de religiosidade popular, que chegaram a materializar, na Serra do Comissário, em Sousa, eram também difusas.

Cangaceiros como Antônio Silvino, Chico Pereira e Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, foram protagonistas da história do cangaço na Paraíba. Melo (1997) descreve resumidamente a atuação de alguns destes em terras paraibanas:

Silvino, cuja atuação se estendeu por dezesseis anos, chegou a invadir Pilar, em 1914, em formação militar. Saqueou a loja do chefe político e angariou simpatias, distribuindo dinheiro com a população. Em Guarabira, recorreu ao telégrafo para

enviar desafiadora mensagem ao presidente do Estado. Já Chico Pereira atuou no sertão da Paraíba e Rio Grande do Norte tendo depredado propriedades na região de Acari. Preso em Cajazeiras pelo tenente Arruda que, com seus colegas Benício e Vicente Jansen, distinguiu-se no combate ao bandoleirismo, foi posteriormente justicado, em acontecimento ainda hoje envolto em mistério. (1997, pag. 156)

Como informa o autor todo o Estado paraibano foi cortado pelos cangaceiros, do município de Pilar nas proximidades do Litoral , passando pelo Brejo no município de Guarabira até o município de Cajazeiras no Alto Sertão, terra de Chico Pereira.

O encontro desse sertanejo com o bando de Lampião aconteceu em Princesa município do agreste paraibano. Foi dessa localidade que partiram os cangaçeiros para atacar a cidade de Sousa no Sertão desse Estado em julho de 1924. Assim seguiam os ataques por toda região do Nordeste e da Paraíba, seguiam uma lógica de seguirem para outros Estados a perseguição policial se intensificava. Faziam isso, também, se aproveitando de uma lei da constituição federalista que proibia forças policiais adentrarem em outros Estados com o propósito de continuarem a perseguição aos bandos cangaceiros.

A partir desses pressupostos gerais da história e da historiografia do cangaço no nordeste e na Paraíba, daremos ênfase no capítulo seguinte à história e vida do sertanejo e paraibano Chico Pereira e sua atuação no cangaço. Consideraremos os motivos que foram alegados para sua inserção no cangaço, seus principais confrontos até o misterioso e trágico desfecho de sua morte.

3. CULTURA E VIOLÊNCIA SOCIAL NA HISTÓRIA DO SERTANEJO PARAIBANO E CANGACEIRO CHICO PEREIRA

3.1 Seca e flagelo social no meio social ao qual fazia parte Chico Pereira

Nas últimas décadas do Século XIX intensificam-se os problemas sociais no Nordeste agravados pelos períodos de estiagem. A chamada grande seca de 1877 – 79 refletiu em consequências catastróficas em todo o Nordeste atingindo quase a totalidade das pessoas que habitavam essa região. Esse acontecimento é considerado como o ponto de partida para o aumento da tensão, dos sofrimentos, dos deslocamentos de populações inteiras para outros lugares em busca de sobrevivência, assim como para o aparecimento de conflitos armados e movimentos tais como o cangaço. A estiagem arrasou todo o Nordeste, deixando numerosas pessoas flageladas, que tumultuavam várias regiões com saques e movimentos violentos. Assaltos a fazendas, sequestros e grandes roubos eram comuns de se observar por toda a gente sofrida daquela época.

O vilarejo de Nazarezinho, pertencente ao município de Sousa no Alto Sertão da Paraíba, também sofreu com sucessivos saques e ataques cometidos por uma gente em busca de alimentos e querendo vingança. Mas apesar dos pesares, o sertanejo se mantinha forte e destemido, enfrentando as tempestades das secas cíclicas além de outras adversidades tais como a violência e a opressão dos proprietários das terras e dos demais meios de sobrevivência.

Em meio a esse contexto de dificuldades vivenciado pelos sertanejos se encontrava Francisco Pereira Dantas, conhecido por Chico Pereira, o filho do coronel João Pereira. Como morador conhecia todo o Sertão. O mesmo nasceu e morou em um casarão na fazenda Jacú, localizada na vila Nazarezinho pertencente à cidade de Sousa-PB. O lugar e o personagem Chico Pereira, ganharam notoriedade mediante sua, embora breve, história de experiência no cangaço e “confronto” com a justiça e poder do sistema dominante na época.

Dados sobre seus modos não exibem diferenças diante da realidade e do contexto em que se inseria. Como homem do seu tempo compartilhava valores e costumes comuns. Todavia, sua trajetória de vida não era a mesma da maioria da população dos pobres trabalhadores e agregados dos senhores proprietários. Era filho de um proprietário de terras, vivia em uma fazenda cercado de trabalhadores dispostos a vender sua força de trabalho servindo como fosse possível. Assim Chico Pereira, pôde observar a luta pela sobrevivência

bem de perto, enxergando o sofrimento expresso no rosto do povo sofrido que vivia em sua volta.

A figura a seguir nos mostra como se encontra hoje a casa onde Chico Pereira morou e nos remete ao seu mundo.

Trata-se de uma morada com uma fachada ainda bem caracterizada com suas paredes, “oitão” e seus muitos compartimentos que testemunham um ambiente glorioso da família Pereira. Apenas os proprietários possuíam moradas com essas características.

Hoje é ponto de visitação por muitos curiosos e estudiosos, porém se encontra a fazenda Jacu desgastada pelo tempo e o não uso.

Figura 03: Casa de Chico Pereira



Disponível em: <<http://caricangaco.blogspot.com.br/2013/06/nazarezinho-e-magia-do-segundo-dia-de.html>>

Acesso em 10/11/2015

Figura 04: Imagem da fazenda Jacu em Nazarezinho - PB



Disponível em: <http://cariricangaco.blogspot.com.br/2013/06/nazarezinho-e-magia-do-segundo-dia-de.html>
Acesso 10/11/2015

Em estudo sobre o cangaceirismo, Melo (1997) relata que havia um relacionamento indireto dos chefes do movimento com o coronelato na Paraíba entre os períodos de 1889 e 1930. Esse período é identificado por ciclos dos chamados movimentos liberais 1801-17-24-49, e populares com o Ronco da Abelha, Serra do Lagoa e Quebra-quilos na metade do Século XIX. Os coronéis lideraram o ciclo seguinte, vigente durante a República Velha.

Sobre essa questão é preciso pensar que esse relacionamento extrapolava as vias da luta se davam também em função do conhecimento dos sujeitos cangaceiros no seu meio perante seu pessoal. Eram estes homens conhecidos como trabalhadores e fortes sertanejos.

Paiva (1997) pressupõe que a saga do homem forte do Nordeste do bravo “soldado do cangaço” é típico da sociedade sertaneja, com características físicas e culturais distintas; Esta sociedade “*Resultou dos cruzamentos entre brancos e índios nos amplos espaços das pioneiras fazenda de gado, produzindo caboclos resistentes às dificuldades oferecidas pelo meio ambiente*” (1997, pag. 13).

Para alguns autores, a produção do cangaceirismo está ligada ao alto índice de analfabetismo colocado em paralelo com o clima do sertão. Segundo Barroso (1917) “*foi a alma do sertão que moldou e fundiu a alma do cangaceiro. Afim de viver nessa região agreste, batida de sol, e demasiadamente sóbrio. O eterno combate contra o meio inóspito desenvolveu-lhe a coragem e resistência*”. (1917, pag. 22). Cabe aqui ressaltar as palavras de Euclides da Cunha, em sua obra Os Sertões, em que afirma ser “*o sertanejo antes de tudo um forte.*”

Mas o que dizer de alguns componentes do cangaço como um dos seus líderes Lampião, homem de leitura e de hábitos culturais diferenciados, assim como o caso de Chico

Pereira também letrado, apreciador da poesia, dos bons modos no portar e no vestir como podemos ver em sua fotografia mais a seguir neste capítulo.

Outra questão a ser considerada diz respeito ao fato do conhecimento da vegetação ser apontado como primordial para os cangaceiros se livrarem das perseguições policiais. As caatingas permitiam as fugas e ocultavam os bandos. Era considerada perfeita a adaptação dos cangaceiros, só eram vistos quando queriam, observavam cada movimento e detalhe pelos arredores onde se encontravam. Esse conhecimento do lugar é em nossa opinião mais um elemento que depõe contra uma identidade e representação dos cangaceiros como bandidos e desordeiros. Ao contrário, estes eram, ou teriam sido, em algum momento das suas vidas, trabalhadores acostumados com a mata quando do trabalho com o gado, ou com o algodão, conhecedores de sua gente e de sua terra.

No contexto e época da entrada de Chico Pereira no cangaço, para combater as secas rigorosas que se alastrava em todo o sertão, o Presidente da República, o paraibano Epiácio Pessoa, resolveu implantar um projeto de açudagem e construção de barragens. Para tanto seria feito um represamento da água dos rios nos boqueirões, local onde as correntes d'água, apertados entre serras, se estreitavam.

Sobre essa situação e de acordo com Nóbrega (2002), no alto Sertão da Paraíba, precisamente no município de Sousa, o povo simples do campo que ali habitava, contemplou a chegada dos norte-americanos: uma raça de pessoas que eram conhecidas como 'mister' e falava embrulhado para ninguém entender. Manipulavam máquinas nunca vistas no processo de açudagem, desapropriaram terras e se colocaram nas gargantas das serras. O vilarejo de São Gonçalo foi escolhido como ponto estratégico do projeto da açudagem.

Nesse ambiente de crise social agravada pelas secas os desmandos e a violência dos mais fortes contra os mais fracos era uma constante. A vingança era considerada como um dever sagrado para aquela população acostumada a chorar os seus mortos em emboscadas e armadilhas. Uma espécie de herança que os filhos de pais assassinados carregavam. Caso o vingador não se manifestasse, a família enlutada seria desonrada e passaria por vergonha. Nóbrega (2002) ao caracterizar essa cultura da vingança destaca o fato de que na mesma, a vingança era imperativa, aqueles que não a cometesse passaria a vida sendo humilhados e açoitados pelo povo, ouvindo expressões como: '*você não é homem*', '*Não há homem na sua família*', '*Gente mole assim é melhor vestir saia*'. Foi nesse pensamento que várias famílias inteiras se devoraram e se desestruturaram. Filhos e netos eram mortos com o ódio que atravessavam gerações e gerações.

A polícia a grande vilã da época, era partidária, como força e segurança submissão ao poder dos senhores e proprietários locais agia de acordo com seus chefes. Caso um infrator fosse apadrinhado de um correligionário, teria a liberdade de matar. Não seria preso, ninguém tocava, ou sequer existiam buscas.

Deste modo, contrariamente a esse tipo de polícia partidária e nome de uma justiça por mãos próprias, homens se equipavam às dezenas, transformavam-se em cangaceiros formando bandos nômades, emigrando de município para município, atravessando serras, rios, Estados. Eram na maioria das vezes mais poderosos que a próprio polícia. O cangaceiro não era unicamente o perverso, o traiçoeiro. Existia os honestos, incapazes da menor crueldade gratuita, que viviam com armações em punho só para estimular justiça. Eram tão rápidos e com uma artilharia sem comparação que “*arrastavam-se no chão, se protegiam em depressões do terreno, se escondiam atrás de troncos de árvores e de pedras – tudo lhes serviam de trincheira*” (PAIVA, 2004, pag. 30). E assim conseguiram viver por muito tempo e enfrentar muitos conflitos, não esquecendo suas especialidades para tratamentos aos cangaceiros baleados, com feridas provocadas pelas fugas e outras adversidades que surgissem.

3.2 A trajetória de Chico Pereira no cangaço 1922 à 1928

A entrada e história de Chico Pereira no cangaço por volta de 1922 à 1928 foi pouco abordada por historiadores profissionais em seus estudos sobre essa temática nos Sertões do Nordeste e da Paraíba em particular. Grande parte do que sabemos, inclusive como filhos ou filhas da região de Nazarezinho município de origem de José Pereira como eu, tem por base os “boatos e lendas” repassadas de gerações em gerações ali, além da obra “*Vingança, Não*” de autoria de Francisco Pereira Nóbrega, filho do próprio Chico Pereira.

Ao apresentar a obra diz o autor que tentou trazer aos leitores as condições reais e imaginárias de vida de seu pai, sua vivência no cangaço, seus conflitos e sua saga como cangaceiro até o fim de seus dias. O autor ainda destaca que sua obra tem como fonte principal os depoimentos de seus familiares.

Jovem de 21 anos de idade, Francisco Pereira Dantas, comumente conhecido com Chico Pereira, o filho do coronel João Pereira, foi *estimulado pela comunidade* a fazer justiça pela morte de seu pai. Na intenção de vingança, entra no cangaço e não consegue mais sair.

Diferente dos demais cangaceiros, Chico Pereira não usava chapéu quebrado na testa, nem gibão ou outra indumentária, utensílios exclusivos e tradicionais da época e da história

dos cangaceiros. Cardoso (2010) relata que seu figurino de bandido foi inspirado em revistas norte-americanas quem eventualmente chegavam no Sertão. Acredita que seu personagem de referência tenha sido Tom Mix, pois com base no jornal do Recife de 22 de novembro de 1927, mencionado por Frederico Pernambucano de Mello, Chico Pereira não usava cabacinha d'água ou chapéu de couro, escolhendo um vestuário como o herói do Far West, envergando chapéu de massa, de abas largas, lenço vermelho ao pescoço, pesadas cartucheiras, calças culote, polainas e clássico punhal nortista traspassado à cinta. Como mostra a fotografia reproduzida a seguir:

Figura 05: Chico Pereira



Disponível em: <<http://blogdomendesemendes.blogspot.com.br/2013/06/comentario-sobre-os-cangaceiros-chico.html>>

Acesso em 10/11/2015

3.3 *Vingança não*: uma versão da história de Chico Pereira no cangaço

Francisco Pereira Nóbrega, escritor da obra *Vingança, Não* nasceu no dia 24 de abril de 1928 na fazenda Jacu, nas proximidades da vila Nazarezinho, até então município de Sousa na Paraíba. Filho de Jardelina Nóbrega, professora na cidade de Pombal, e de Francisco

Pereira Dantas um comerciante de material de construção na vila de Nazarezinho. Narra o autor que por muito tempo a vida de Francisco Pereira, girou em torno desse comércio, vivendo como homem comum típico do seu meio. Todavia, a má sorte e os infortúnios reservou para ele um lugar no mundo do cangaço passando para história desse movimento como o cangaceiro Chico Pereira. O escritor e filho nasceu no auge dos intensos conflitos familiares e das conseqüentes injustiças sociais que massacravam o Sertão nordestino do Brasil em fins do Século XIX e primeiras décadas do Século XX.

Segundo suas palavras, passou a infância longe dos pais e familiares, tornando-se padre e autor do livro “*Vingança, Não*” obra na qual relata a tragédia acontecida na sua família e os principais motivos que influenciaram seu pai a entrar no cangaço. No ano de 1968 o autor que era padre, deixou a batina e em 1971 teve seu enlace matrimonial com Ligia Aparecida Moura Pereira Nóbrega com quem teve três frutos: Melissa, Mariana e Francisco.

Seu livro se diz baseado em relatos de parentes e de pessoas consideradas por ele como amigos e inimigos de seus familiares. Segundo o autor, são histórias contadas através de depoimentos orais de testemunhas visuais encontradas nas ruas, estradas e viagens em diversos Estados do Nordeste sobre os acontecimentos que marcaram a vida de sua família, como também em processos criminais que acusavam Chico Pereira.

Narrando, esqueço os parentescos de ‘títio’, ‘papai’, ‘mamãe’ e os chamo como estranhos. Prefiro assim. Particularmente, tratando-se de minha mãe, saberia somente chama-la de Jarda. Assim sempre a tratei. Adiante aparece o porquê”. (NÓBREGA, 2002, pag. 14).

Como podemos constatar em sua fala o autor reivindica para si um papel de narrador isento, cujo objetivo com a obra é ser guardião da memória e da história.

3.4 O assassinato: injustiça e vingança passional

Em sua narrativa a alegação de vingança do assassinato de seu pai João Pereira é apresentada como a principal razão de Chico Pereira entrar no cangaço. Segundo seu relato, Chico Pereira após ter entregado o acusado da morte de seu pai à polícia e o mesmo ter sido solto, revolta-se com tamanha falta de justiça praticando a vingança. Em seguida, como refúgio procura proteção entrando no bando de cangaceiros.

Como acontecia na maioria das famílias que tinham seus pais assassinados, o mesmo levou em conta a vingança de seu pai como questão de honra para família. Como não existia atuação da justiça, caso um assassino fosse apadrinhado por alguém, do mesmo partido

político dominante da época, nada lhe acontecia e assim seguia. Nesse contexto vidas foram sendo destruídas assim como inúmeras famílias foram desagregadas por décadas. As consequências dessa situação são apontadas em alguns estudos como sendo responsáveis pela formação dos bandos de cangaceiros como aglomerações de homens que se juntavam contra a polícia partidária e a injustiça das autoridades. Viviam no relento, sem destino, nas matas, estradas e buscavam amparo em diversos Estados do Nordeste.

Nóbrega em seu livro usa da imaginação para descrever os acontecimentos que marcaram a vida de seu pai, com descrições de paisagens físicas e diálogos relembra alguns momentos de sua infância, como na passagem:

Os Fernandes eram dois irmãos: João e Nobilino. Moravam nos arredores de um lugarejo, pertinho. Mas se ligaram a tanto ao coronel João Pereira que pareciam filhos. Era daquelas amizades antigas de se matar e morrer pelo amigo. Passavam semanas na fazenda do coronel, ouvindo e ouvidos nas coisas da casa. (...) Tadinha não era gente. Era a bezerra, enjeitada, criada pelos cuidados do vaqueiro. Naqueles fins de terra só ia quem tinha negócio. E grande. As casas se afogavam na mata. De uma não se avistava a outra, embora pertinho. Gritavam, substituindo o telefone:
 -Ô Chico!
 -Oi...
 -Dê umam olhada ali, a Luís, que os bichos entraram na roça. (NÓBREGA, 2002, pag. 27)

A vida de Chico Pereira passou a ser rodeada por mistérios. Alguns membros de sua família queriam esconder sua localização e os crimes cometidos durante sua passagem no cangaço para que o mesmo não fosse preso e morto por maldades cometidas com outras famílias.

Sua mãe Maria Egilda tentava o alertar com conselhos como: ‘- *Saia de Sousa. Não é mais terra para você morar. O lugar onde Deus o quer é outro. (...) – Vá morar em Bom Jesus de Gurguéia e será feliz*’ (NÓBREGA, 2002, pag. 62).

Essa sua persistência ou teimosia é destacada pela versão da obra “Vingança Não” na qual Chico Pereira é classificado *como uma pessoa de Cabeça dura*. Fazia com que o conselho de sua mãe morresse alí mesmo. Seguiu no cangaço com seu bando afim de refugiar-se e continuar cometendo mais vinganças.

Diante da vida de vendedor de cal, viajante sem destino certo, Chico Pereira foi às margens do Piancó a procura de minas de cal. Durante a noite, chegou a um casarão antigo e pediu hospedagem e dormiu aquela noite. Nóbrega relata que a partir daquela estadia casual, Chico Pereira se apaixonara pela filha da viúva de Antônio Mamede, D. Emília, mãe de dez filhos, quase todos menores, órfãos e vítimas da violência nessa sociedade.

Jardelina Esmerina Nóbrega, menina de 12 anos de idade se tornara então o amor da vida de Chico Pereira. Depois da eventualidade de hospedagem, Jarda como era conhecida, começou a gostar do comerciante de cal, de cujo drama iria participar durante toda a vida. Noivou aos 13 anos, casou aos 14 e ficou viúva aos 17 anos de idade, com três filhos pequenos.

O autor marca a identidade da jovem em poucas palavras, como a seguir:

- Anos? Dezesete.
- Estado Civil? Viúva.
- Filhos? Três.
- Pai? Assassinado.
- Esposo? Assassinado.
- Sogro? Assassinado.
- Cunhado? Assassinado também.(idem, pag. 19)

Figura 06: Jardelina Nóbrega



Jardelina Esmerina Nóbrega, esposa de Francisco Pereira Dantas, Chico Pereira

Disponível em: <<http://caricangaco.blogspot.com.br/2013/06/jarda-o-amor-de-chico-pereira.html>>

Acesso em: 10/11/2015

3.5 A entrada no cangaço como um infortúnio familiar

Em meio aos flagelos do Sertão nordestino, marcado por secas intensas e disputas por alimento para sobrevivência, Chico Pereira, reside na fazenda Jacu, com sua mãe Egilda, Seu pai João Pereira, e os irmãos Apriniano, Abdias e Abdon. Este estava terminando os estudos em Cajazeiras-PB para depois ir ao Rio de Janeiro onde iria cursar medicina.

Essas informações da vida da família de Chico Pereira apresentadas pelo seu filho e também narrador, nos leva a reforçar a ideia que vimos trabalhando da inadequação de Chico Pereira assim como outros participantes de episódios no cangaço a estereótipos criados para os cangaceiros de um modo geral. O pai de Chico Pereira tinha projetos de vida para seus filhos que nesse ambiente não se colocavam como revoltados com seu meio.

O Alto Sertão da Paraíba entre os anos de 1919 e 1922, seria beneficiada pela construção de açudagem e pela atuação do paraibano Eptácio Pessoa como Presidente da República daquele ano. Segundo Melo (1997), as barragens principais seriam intituladas como: Engenheiro Ávidos (Boqueirão de Piranhas); no alto sertão, Coremas (Mãe D'água); São Gonçalo, que buscava interligar as bacias dos rios Piancó e Peixe, entre Coremas e Sousa; Boqueirão de Cabaceiras, no curso médio do rio Paraíba, nas proximidades de Campina Grande e Sumé, localizada no Cariri. Para o autor, esses açudes iriam proporcionar além de água e energia elétrica, peixes e culturas de vazante, o desenvolvimento das cidades de Boqueirão, Coremas, Sousa, Sumé, Condado e Malta.

No ponto de vista econômico, as obras contra as secas não ficaram limitadas a açudes, nem ao semi-árido, tomaram de conta de toda a Paraíba, como coloca Melo (1997):

Na Paraíba, graças ao prestígio de Eptácio Pessoa, secundado pelo de José Américo de Almeida, sendo este Ministro de Viação por duas vezes, de 1930 a 1934 e 1953 a 1954, assim como candidato a Presidência da República, em 1937, tais empreendimentos distribuíram-se por todo estado. Envolveram rodovias e ferrovias, pontes, quartéis, abastecimento d'água e eletrificação, comunicações postais e telegráficas, edifícios públicos, hospitais, escolas e patronatos, estações experimentais e de remonta, drenagem de rios, campos de aviação, etc. A Paraíba tornou-se uma das unidades de maior concentração de recursos e realizações. (idem, pag. 164)

O açude feito na fazenda São Gonçalo, de posse dos Rochas, adversários políticos da família dos Pereiras. Após esse benefício a localidade se transformaria em vila, e em consequência traria oportunidades financeiras e vantagens políticas para os seus.

Com João Pereira não foi diferente, ele tinha planos financeiros para seus filhos naquela localidade, além de sua fazenda Jacu, tinha um comércio em Nazarezinho e logo depois construiu um barracão em São Gonçalo.

Ainda assim, João Pereira havia sido escolhido para ser delegado da vila Nazarezinho na época em que foi aprovada uma lei que proibia os sertanejos andarem armados.

Um certo dia, João Rocha delegado da Vila São Gonçalo e rival político de João Pereira discute com Abdias dentro de seu barracão, mas tudo termina bem. Apesar da

rivalidade política de ambos. Embora compadres, sempre existia uma tensão entre os Rochas e os Pereiras.

Narra o autor que na sequência desse acontecimento, João Pereira foi morto no dia 11 de setembro de 1922, quando quatro homens armados chegaram em sua casa de comércio na vila Nazarezinho. A confusão se estabeleceu quando João Pereira teria ido tirar satisfação sobre o porte de armas de tais homens, daí teria se estabelecido uma briga com tiros, facadas e luta corporal, tendo sido o mesmo atingido por um tiro fatal. Esse segundo narra o autor teria sido o estopim do destroço da família Pereira. Dos acusados pelo assassinato só teria restado os indivíduos de nome Chico Dias e Zé Dias. Chico Dias desapareceu, ficando apenas Zé Dias como culpado. De acordo com Nóbrega (1989) “*Na fazenda Jacu, nos últimos momentos de vida, João Pereira diante de toda família faz seu último pedido, o qual morreu repetindo: Entreguem tudo a justiça. Vingança, não*”.

De acordo com a obra “**Vingança, Não**”, todos os familiares tinham a certeza que a morte do coronel João Pereira havia sido premeditada, mas ninguém sabia do mandante, sendo a polícia a principal suspeita.

Quando do acontecimento da morte do seu pai, Chico Pereira se encontrava ausente pois nesse tempo preferira vender material de construção pelo sertão ao invés de trabalhar no barracão de seu pai. Foi em uma dessas suas viagens, como relatamos anteriormente, que o mesmo conheceu na fazenda Pau Ferrado aquela que viria a ser sua esposa, Jarda assim denominada, filha de D. Emília e Antônio Mamede, menina de doze anos que ironicamente também tivera o pai assassinado devido brigas por terra.

A partir de então, todos queriam que a vingança fosse feita, e a responsabilidade caia sobre ele Chico Pereira por ser o filho mais velho. Após procurar o delegado por três vezes para prender o acusado de nome Zé Dias, e o mesmo desfrutar da liberdade, e ouvir da população conversas como: “- *Não é conversa de ‘ouvi dizer’*. *Eu vi o homem solto. Seo Chico, não lhe disse desde o começo: mate esse homem. Todo mundo já sabia que eles não queriam prender. O juiz, o delegado, essa gente toda é de outro partido* político. Revoltado, Chico Pereira resolve vingar a morte de seu pai. Passa cerca de oito meses na busca constante, habitando solidões despovoadas, se escondendo entre pedras, árvores, cercas e até mesmo entre seus inimigos. Dias e noites passavam e ele não cansava de esperar que Zé Dias fosse pego por uma de suas emboscadas. Como presumiu, Zé Dias foi morto no meio de uma estrada.

Na seguinte passagem, Nóbrega descreve sua chegada em casa depois do acontecido:

-Mamãe, fizeram-me criminoso.

Foi assim que chegou em casa, já de noite. Vinha cingido de duas cartucheiras: uma, do revólver que trazia na cintura. Outra do rifle que tinha na mão. Ainda um punhal enorme e dois bornais a tiracolo, cruzando-se sobre o peito. Somente um era de bala. O outro, de alimentos. Na cabeça, um chapéu de couro, quebrado na testa. (Assim viveria de agora em diante.) E, por baixo de tudo isto, estava a roupa de luto. E, la dentro, um rapaz de vinte e três anos. Assassino. (idem, pag.54)

Desde esse episódio, Chico Pereira não teve paz em sua casa. Vários homens de lugares diferentes o procuravam a fim de formar bandos. Estes homens normalmente eram também fugitivos por questões com inimigos políticos, com patrões ou questões de família. Todos procuravam refúgio depois de cometerem assassinatos por vingança, por obrigação tornavam-se solidários para a vida e para a morte.

3.6 A história de Chico Pereira como cangaceiro

Em junho de 1924 um grupo de cangaceiros decidira invadir a cidade de Sousa PB depois que o comerciante de Nazarezinho Chico Lopes, acompanhado de Chico Américo, teria sido ameaçado e açoitado no meio da feira pelo Dr. Otávio Mariz, chefe- político daquela cidade. Como relata o autor, o tal Dr. Otavio Mariz sabedor que Chico Américo era seu inimigo pessoal e cabra de Chico Pereira, fora nas bancas da feira procurara uma chibata para comprar, tendo em seguida ido ao encontro dos dois cabras, tendo encontrado apenas Chico Lopes. Aplicou-lhe uma surra magistral e pediu-lhe para ir à fazenda Jacu, reduto dos Pereira Dantas em Nazarezinho, avisar a Chico Pereira que tinha outra prometida para ele.

Durante os açoitos, ele falava: “-*Vá dizer a Chico Pereira!Vá! Diga a ele que venha apanhar também.*” (NÓBREGA, 2002, pag. 71) Durante toda sua infância, Chico Lopes não tinha apanhado como havia apanhado de Dr. Otávio Mariz, decidiu então revidar e foi daí que conheceu sua personalidade de cangaceiro vingador. Havia descoberto com a surra um outro lado de seu coração “É que ele tinha também alma de cangaceiro, como a do irmão. Tinha e não sabia”. (Idem, pag. 72).

Conforme o narrador diante dessa humilhação Chico Lopes teria ido até a fronteira de Pernambuco contar tudo que aconteceu a Lampião e declarar que seria do seu bando. Pediu ajuda para levar seu bando até Sousa para vingar a surra que teria levado. No entanto, Lampião estava com o pé baleado e incapaz de andar e levaria algum tempo para que ficasse nas condições certas para atacar. Deste modo, ofereceu seu bando com dois de seus irmãos, Levino e Antônio Ferreira para dar uma lição em Otávio Mariz.

Nóbrega relata a invasão com menos de quarenta homens, controlado por Chico Pereira. Achando número pequeno para o tamanho da cidade, resolveu recolher os cabras que

já haviam abraçado a vida de bandoleiros. Logo começou a chegar homens de toda a parte, ficando refugiados nos recantos da serra, esperando a ordem de reunir.

Enquanto Sousa fechava os olhos, no Jacu a invasão se organizava. Da calçada do casarão, o búzio, de chifre de boi, buzinou, gemeu, alto, longo, nas quebradas das serras, como soluço de todos os injustiçados. Era a ordem de reunir.” (idem, pag. 81)

Chegando na cidade, com cerca de 84 homens, às quatro horas da madrugada, Chico Pereira procurou a delegacia e informou à polícia que veio em busca de Otávio Mariz, no entanto havia cercado toda cidade de cangaceiros. O Tenente Salgado e a polícia se retiraram do local, não havendo atrito entre eles. Chico Pereira não conseguiu controlar o bando, o que proporcionou um conflito com muito tiro e casas comerciais arrombadas a coice de rifle. Logo após do acontecido, Chico foge com o bando de Lampião pelo Sertão por ser o principal acusado do desastre na cidade de Sousa.

Levar a vida de cangaceiro não parecia ser fácil, Chico Pereira lutou para sobreviver longe de toda família. Atravessando o sertão, junto com o bando e os dois irmãos de Lampião, Levino e Antônio Ferreira percorreu as cidades de Piancó, Itaporanga, Diamante e muitas outras. Ao tempo que passaram escondidos em Pernambuco, passavam dias sem dormir e até sem comer fugindo da morte, a procura de lugar tranquilo para sobreviver. O lugar mais seguro para Lampião e Chico Pereira, era a Serra do Pau Ferrado. Segundo Nóbrega (2002) o lugar era coberto por espinho pontiagudos, em que por muitas vezes Chico tinha seus pés furados e inflamados o que dificultava a sua caminhada.

Em seu relato de alguns episódios da vida de cangaceiro de Chico Pereira o autor conta que um certo dia, o morador dessa serra do Pau Ferrado, conhecido por Salu, teria resolvido matar o primeiro cangaceiro que ali surgisse, sendo surpreendido. Ao tentar na escuridão da noite por Chico Pereira que o matou com um tiro certo. Mesmo após o fato, Chico ainda continuou escondido na serra.

Ao mesmo tempo, o chefe de polícia recebera de Pernambuco um pedido de ajuda contra Lampião e sua gente, escaramuçando entre os dois estados. Vigorava o acordo interestadual, permitindo às milícias estranhas atravessarem fronteiras em busca dos cangaceiros. (Idem, pag. 104)

Quando a polícia se aproximou da serra em busca de Lampião, Chico Pereira fugiu ao encontro do bando de Levino pelo canavial. Com dificuldade de andar, devido as perfurações nos pés e muita dor, Chico passou a ser carregado pelos homens do bando e recebeu um conselho de Levino para que se entregasse a polícia. Rejeitando o conselho, e se vendo diante

da polícia, a última vez que Chico viu os irmãos de Lampião foi aquela, pois resolve ficar no canavial sozinho. De onde estava, passou a escutar os tiros em Patos de Baixa Verde. Passou um dia sem comer e a noite na chuva e na lama. No dia seguinte, chupou cana e mais uma noite na chuva e na lama. No terceiro, mais uma vez chupando cana, com os pés tomados de bichos, pus, inflamados e com bichos rondando superou mais uma noite na chuva com dor, febre e muito frio. No quarto dia, ao tentar pegar uma cana que estava mais afastada, foi picado por uma cobra. “ *A cobra o picou seguramente, largou-o e saiu serpenteando entre o canavial. As circunstâncias lhe emprestavam imunidades: não podia atirar nela sem alarmar a vizinhança.*” (idem, pag. 107)

De acordo com o relato de Nóbrega (2002) o desespero tomou conta de Chico ao sentir os efeitos do veneno e pensar que morreria rapidamente. Comeu tudo a sua volta, tamarinho, ervas do chão e até mesmo um vidro de molho de pimenta que carregava na sua maleta. Na sua agonia, resolveu escrever para a família e explicar o que teria acontecido:

Quando minha família ler essas linhas, já sou morto. Morri aleijado, abandonado no canavial, pelos irmãos de Lampião para não me entregar à polícia. Uma cobra-cascavel me mordeu no polegar da mão esquerda. Adeus a mamãe. Me bote sua benção. A tristeza que levo é morrer sem ver a senhora. Me perdoe se tiver queixa porque fiz a vingança que papai não queria. Abraçe por mim Jarda, meus irmãos e os dela. Me assino de próprio punho. (DANTAS *apud* NÓBREGA, pag. 108)

O autor narra o sofrimento de seu personagem ao dizer que já delirando, Chico “chamava por vários nomes que se atropelavam na sua boca: - Abdias! Jarda! Levino! Manuel Benício!” (idem, pag. 109). No entanto, foram essas vozes de delírio que o salvaram. Chico foi encontrado por um negro velho que casualmente passava por perto e ouviu os murmúros. Nóbrega relata que Chico estava com o nariz, ouvidos e a gengiva escorrendo sangue. Depois de ter confessado sua vida de fugitivo ao velho negro, o mesmo o ajudou em sua recuperação e restabeleceu sua saúde. Os boatos infestavam o sertão da Paraíba. A família era interrogada: “- *É verdade que Chico Pereira morreu mesmo?*” E a resposta era única: “- *Ninguém sabe nada certo. Só se sabe que nunca mais deu notícia.*”

Após se sentir melhor, ele decide voltar para sua casa. O velho amigo leal que o encontrou no canavial ainda ofereceu um conselho de despedida: “- *Seo Chico, deixe essa vida. O senhor é um rapaz de família, distinto, educado, está-se vendo! E ficar nesse estado?*” (idem, pag. 113)

Essa era a dura realidade de Chico, “magro, esquelético, barba enorme, cabelo cobrindo as orelhas, unhas crescidas, alguns dentes faltando na boca” (idem, pag. 113). No caminho de volta para casa, sozinho enfrentando a experiência amarga que a vida lhe deu, pensava em

uma vida nova, e em casar-se com Jarda. Depois iria cuidar de seus filhos, quantos Deus lhe desse. Caso fosse absorvido, viveria na Paraíba. Caso fosse condenado, longe dela.

Mas o desejo era apenas o pensamento de Chico Pereira, sua realidade seria outra. Ao chegar na casa da sua mãe, todos os dias era perseguido por soldados em sua volta. Sua mãe o aconselhava a ir embora e viver em paz no Goiás, dizendo: “- *Chico, isso aqui não tem mais jeito, não, meu, meu filho. Essa polícia não larga você mais nunca. Nem deixa a gente dormir. Tome o conselho de Abdon: vá para o sul. Olhe Luís Padre e Senhor Pereira. Foram para Goiás. Foi só como acharam a paz.*” (idem, pag. 116) mas como era teimoso, queria viver em paz no sertão.

Nóbrega conta que Chico ouviu os conselhos da mãe, por viver tão angustiada com as perseguições policiais ao seu filho quando este, chegava em casa desta e na mesma hora desaparecia. No momento tinha ele esperanças de ser absolvido em júri quando as eleições se aproximassem, pois, em troca de voto os políticos facilitariam o seu julgamento.

Nessa sua vida de fugitivo não encontrava uma saída para casar-se com Jarda, a não ser quando a mesma, procurou um padre de Pombal, e mesmo decepcionada soube que o casamento seria possível através de uma procuração judicial, e que Chico não faria parte da cerimonia e seria substituído por um homem que se passaria por ele. Assim aconteceu o casamento, nas circunstâncias que lhe foram sugeridas.

Em seus momentos de fuga, escondido na mata, escreveu cerca de 300 estrofes a respeito de suas lutas, enfatizando o banditismo, a questão familiar, a injustiça que o fez, o principal motivo de ter se vingando e os tristes momentos do canavial. Segue algumas das estrofes a seguir:

Já sei que nosso sertão
Não tem possibilidade
De acabar cangaceirismo
Possuir tranquilidade,
De viver na paz serena,
Desfrutando da liberdade.

É sempre e sempre o que vemos:
Barulho, anfrota e questão.
E grupos de cangaceiros
Por quase todo o sertão,
Compostos por criminosos,
De assassino e ladrão. (...) (idem, pag. 125)

A rotina da vida de Chico era sobressair de fugas e perseguições, com o medo de ser preso. Vivendo um drama íntimo, sempre esperançoso de viver em paz.

3.7 “ Os novos” tempos no poder e na política na paraíba e o fim de Chico Pereira

Chico Pereira narra o autor vivia sempre amedrontado com qualquer ruído que ouvisse no meio da mata. Em uma dessas ocasião foi procurado por gente de sua casa para informa-lo que um homem o havia procurado com recado do presidente do Estado.

A pessoa que queria conversar com Chico era conhecida por Tonho, irmão do presidente da Paraíba. Nóbrega (2002) transcreve o diálogo da seguinte forma:

-Chico, lhe trago a melhor das notícias. Todo mundo sabe o que você tem sofrido porque vingou a morte de seu pai. Entretanto é coisa que qualquer um fazia. Vingança é dever. E esse sertão está cheio de gente que se vingou e nem paga o que você está pagando. Só porque seu caso se tornou um caso político. Ou já era antes de acontecer.

- Verdade, Tonho. Só eu sei o que tenho sofrido. E o pior é a gente não saber quando isso termina. Ou se termina com a morte da família toda. Já Aproniano anda armado por ai, como eu, me acompanhando. Vejo a hora de se desgraçar também.

- Pois é isso que lhe venho falar. Meu irmão, o presidente, está resolvendo esses casos antes das eleições. Você não podia ficar esquecido. Seu caso faz pena a toda gente que conhece de perto, como eu. Rapaz moço, simpático, cheio de vida, de uma família tradicional, agora metido com cangaceiros. Pois olhe, meu irmão me chamou e disse assim: diga a Chico Pereira que vou resolver as questões dele. Esteja pronto para comparecer ao júri que o resto eu garanto. (idem, pag. 130)

A eleição estava marcada para julho daquele ano, e tudo estaria resolvido antes de outubro, mês da posse do Presidente. Em troca do voto, Chico seria jugado e absolvido. Após ser apresentado na delegacia deixou o grupo de cangaceiros pois acreditava na sua segurança. Aproprianano, seu irmão, sempre desconfiou de tudo.

Não demorou muito para surgir uma notícia que Chico Pereira estava sendo acusado de realizar assaltos no vizinho estado do Rio Grande do Norte, onde uma pessoa estaria se passando por ele. O presidente potiguar era reconhecido por mandar espancar e matar os presos.

Na tentativa para Chico se entregar a polícia, o sargento João Ferreira e Tenente Manuel Benício a mando do governo foi até sua casa, ocasionando assim um grande tiroteio e a fuga de Chico Pereira pela mata.

Com as mesmas promessas, Tonho volta à casa de Chico Pereira para se desculpar do acontecido e falar que a polícia se enganou e não mais aconteceria o fato. Nesse período Chico foi convencido a ir morar no Goiás e reconstruir sua vida, mas Tonho com seu poder de persuasão conseguiu convence-lo a ficar. Tudo parecia correr bem pois, no primeiro júri que aconteceu na cidade de Catolé do Rocha, Chico Pereira fora inocentado conforme promessas feitas, faltando apenas o júri da cidade de Princesa.

Nesse momento, acontecia na região e na cidade de Cajazeiras a festa da padroeira comemorada no dia 30 do mês de agosto. A festa de padroeira no sertão é a mais esperada por todos. É um movimento sagrado e profano. Tradicionalmente montam-se parque de diversões, a banda de música segue pelas ruas e fieis acompanham o novenário todos os dias. É tida a maior festa do ano. Nóbrega (2002) relata que Chico Pereira foi à Cajazeiras participar dessa festa, após resistir à família que implorava que ele não fosse pois poderia ser preso pela polícia, já que a cidade se encontrava em período festivo. Ao chegar encontrou com o tenente Manoel Arruda, que o indagou conforme seguinte passagem:

-Chico, como passa?

Apertou a mão e a deteve. Mais três oficiais se puseram em torno: João Costa, José Guedes e Antônio Salgado.

-Chico – você entende- não convém você estar aqui nesta festa, quando ainda não se livrou de todos os crimes. Tenho uma ordem do Presidente para você se entregar a polícia.

Tomado por uma corrente de otimismo de que após se entregar, passaria pelo seu último julgamento em Princesa e viveria dias de paz, cuidando dos filhos, Chico Pereira assim, assim o fez: se entregou tendo sido preso e levado até a cadeia de Pombal.

No entanto, isso era apenas ilusão de Chico Pereira. O acordo feito com o Presidente Epitácio Pessoa, por meio do seu irmão Tonho começou a ser visto como uma espécie de armadilha para prender Chico.

Aproniano e João Fernandes, amigos de Chico percebiam a traição e tramavam juntar 80 homens para arrombar a cadeia e o livrar, mas Chico Pereira discordou, sendo este o último encontro dos três.

Ainda de acordo com os relatos de Nóbrega, Chico Pereira quando de sua morte, pensara que estava sendo transferido da cidade de Pombal Paraíba para a cidade de Princesa também nesse Estado, para participar do dito júri. Não sabia ele que estava sendo levado para a cidade de Acari no Rio Grande do Norte. Sabia ele que o Estado do Rio Grande do Norte era presidido pelo Tenente Moura, o qual matava presos, bandidos e cangaceiros que de foram chegassem naquele Estado.

Ao chegar em Santa Luzia, uma escolta de policiais o esperavam, quando de repente: “–Estire os braços. As algemas...! O tenente Arruda suplicou ainda: -Tenente Honorato, não algeme o homem.” (idem, pag. 151)

E assim seguiu toda a viagem, ouvindo a conversa da milícia sobre as ordens do tenente que teriam de cumprir, das rivalidades políticas existentes no estado norte-rio-

grandense. Com a mente revoada de pensamentos sobre o acordo feito com o irmão do Presidente da Paraíba, começou a sentir que seu fim estaria próximo.

Na noite do dia 24 de agosto de 1928, Chico chega à cidade de Acari. Nóbrega conta que foi naquela cidade que Chico teve a certeza de ser traído pelo Presidente paraibano. “Chico entendeu que o mentor da traição fora o Presidente. Seu irmão fora apenas uma espécie de executor”. (idem, pag. 153)

Imediatamente surgiu uma ordem de transferência do recém-chegado, de Acari para Natal, isso porque, Chico era testemunha de misteriosos desaparecimentos de muitos detentos, que segundo Nóbrega (2002), os jornais relatavam esses argumentos.

Seu irmão Abdias foi até Natal o visitar. Quando chegou no vilarejo de Nazarezinho informou a toda sua família que Chico Pereira estava sendo acusado no Rio Grande do Norte pelo crime que ele nunca cometera. Na prisão Chico Pereira conheceu Antônio Jerônimo que estava preso na cidade de Acari pagando justamente por este processo, e ficou sabendo de tudo o que aconteceu.

Antônio Jerônimo e mais três cúmplices realizaram um grande assalto em uma fazenda no sopé da Serra Rajada contra o coronel Joaquim Paulino de Medeiros, conhecido por Quincó. Senhor de oitenta e quatro anos de idade, que garantiu sua vida no Sertão, superou todas as secas. Era considerado um homem honesto, que não tinha vícios e portanto não gastaria todo seu dinheiro.

O aspecto de vingança tomava de conta de Chico Pereira e toda sua família, narra o autor que o elevado número de crimes por ele realizado fez com que a sua paz e de toda família ficasse arruinada. O que estava acontecendo com Chico era fruto de uma relação de vingança política. Antônio Jerônimo teria sido mandado por gente da Paraíba inimigos de Chico que realizassem o assalto. Teria tido garantias que uma vez acusado, não cairia na prisão, e caso isso chegasse acontecer, confessasse a polícia que Chico Pereira da cidade de Sousa na Paraíba, teria chefiado todo acontecimento.

A situação complicou ainda mais ao saber que o coronel Quincó era parente do Presidente do Rio Grande do Norte e que ele teria tomado a frente do caso para aplicar as devidas punições, já que as ordens e o poder se encontravam todo em suas mãos. Para auxiliar no processo de inocência de Chico Pereira, Café Filho foi o escolhido como advogado, jornalista e político oposto ao Presidente potiguar. *“Vivem se mordendo os dois. O Presidente de lá se pudesse dava fim a ele. O governo não pode fazer uma besteira, o jornal de Café Filho grita no outro dia. Imagine que, além disso, o Presidente está tomando o processo como interesse dele.”* (idem, pag. 159) A rivalidade política tomava de conta da situação, e

quem venceria seria certamente o que detinha maior poderio em suas mãos. Sendo assim, o Presidente do Rio Grande do Norte derrotaria seu inimigo Café Filho e defenderia o caso de sua família: o assalto ao coronel Quincó.

A família tinha esperança que Chico fosse julgado inocente neste caso, tendo em vista que nunca foi até a residência do coronel Quincó em Serra Rajada, e até mesmo D. Maricota, esposa do coronel, teria ido até a delegacia reconhecer os acusados da desgraça acontecida na sua casa e afirmou que Chico Pereira nunca teria frequentado sua casa, principalmente naquele dia.

Foi exatamente dia 02 de novembro de 1928, que os jornais de Recife anunciavam a morte de Chico Pereira. Chico não conseguiu chegar ao júri em Natal ao ser deslocado da cidade de Acarí. Seu irmão Abdias ficou sabendo quando escutou a narração de um cantador na feira de Sousa. O fato só foi confirmado quando Café Filho contou a Maria Egilda, mãe de Chico, que ele teria sido morto a pancadas de carabina e depois os homens que o levava viraram o carro por cima dele na estrada próxima a Currais Novos. Assim descreve Nóbrega:

Era 28 de outubro de 1928. Chico Pereira morria aos 28 anos de idade. Seis deles passara em lutas que se estenderam em quatro estados do Nordeste”. E diga-se por curiosidade que jamais uma bala ou faca o tocou de leve sequer. Nem mesmo para morrer. (idem, pag.170).

Nóbrega relata ainda na sua obra uma carta escrita pelo único sobrevivente da escolta, com contribuição bastante significativa na construção desta, motorista da transferência de Chico Pereira até a capital Natal, Genésio Cabral de Lima.

Faria parte da escolta, além da minha pessoa, o Tenente Joaquim de Moura, Sargento Luís Auspício e Feliciano Tertulino. Em caminho, Joaquim de Moura perguntou-me se conhecia bem a estrada ao que respondi ‘sim’; determinando este, em seguida, que, quando chegasse a um aterro bem alto, na estrada, parasse o carro, no que foi atendido. Ao chegarmos no lugar denominado “Ligação”, distante três léguas da cidade de Currais Novos, parei o carro à borda de um aterro.

Joaquim de Moura determinou que todos descessem, no que foi obedecido. Ali Joaquim de Moura fez algumas perguntas a respeito das aventuras, às quais foi respondendo franca e desembaraçadamente, ao que me pareceu com exibição de bravura, deixando transparecer ser na realidade um homem de sangue frio.

(...)

Foi o bastante para começar a execução do que estava ardentemente preparado. (A morte). A primeira pancada aplicada na vítima, não me recordo no momento se foi por Felciano ou se por Luís Auspício, ficando a vítima cambaleante.

Joaquim de Moura determinou então que os demais também aplicassem cada um uma pancada de coice de carabiona para que o crime ficasse distribuído em igualdade. Após isto foi a vítima colocada dentro do carro e em seguida se determinou que virasse o carro no abismo. (idem, pag. 171)

Após a morte de Chico Pereira, Maria Egilda pediu aos outros filhos Aproniano e Abdias que não vingassem a morte de seu irmão. Abdon voltara do Rio de Janeiro pois não

conseguiu se curar de uma doença e estava muito debilitado. Preferiu morrer junto a mãe. A polícia ainda tentou interferir na vida de Aproniano suspeitando que o mesmo vingaria a morte do irmão e que civis e militares o iriam pagar.

À pedidos da mãe, Maria Egilda, Aproniano e Abdias vão embora da Paraíba por não conseguirem viver em paz, já que a polícia suspeitava que os mesmos fossem vingar a morte do pai. “*Vão-se embora daqui. Não quero ver vocês morrerem, um a um. Se Chico tivesse ido embora quando quis, inda hoje estava vivo. Vão embora.*” (idem, pag. 180) E assim fizeram. A mãe viveu dias na solidão do casarão, e então decidiu ir conversar com o novo Presidente da Paraíba, João Pessoa. Em sua audiência com o mesmo, Maria Egilda clama por paz, e solicita o Presidente que faça alguma coisa pelo sertão. No entanto, obteve a seguinte resposta: “*-Volte à sua casa. Volte tranquila. Meu governo será de paz. Não posso garantir pelos seus inimigos. Mas garanto pela polícia.*” (idem, pag. 181)

No entanto, contrário ao que prometera, o governo de João Pessoa foi o mais agitado de conflitos no sertão da Paraíba. Nóbrega comenta a rivalidade política quando a sucessão de Washington Luís para a presidência da república se confrontou dois nomes: Júlio Prestes (candidato do Presidente) e Getúlio Vargas, tendo como vice-presidente, João Pessoa. A vitória foi dada a Júlio Prestes que em função da suspeita de fraude não assume:

É quando a Aliança Liberal com os governos de três estados Minas Gerais Paraíba e Rio Grande do Sul faz frente aos demais colocados sob a bandeira perrepista. A Paraíba firmada em torno de João Pessoa, vive dias heroicos”. (idem, pag. 181)

Zé Pereira, líder político da cidade de Princesa, rompe com a Aliança Liberal e transforma a cidade em um terreno de guerra. Toda a população fazia parte de um único partido, com mais de 600 homens em arma. Washington Luís enviava dinheiro e munições novas para a cidade.

Surgia o interesse do Presidente da nação: “*tornar o estado incapaz de manter a ordem pública, ameaçadas pelos bandos de cangaceiros. Daí viria a intervenção federal. E o exército, ocupando o estado, faria abortar um surto de revolução que se esboçava.*” (idem, pag. 182)

Deste modo, João Pessoa mobiliza toda a força policial e a envia para o enfrentamento com os revoltos do município de Princesa. Não faltaram homens que se disponibilizaram para compor a força enviada.

Em meio a estes acontecimentos Aproniano e Abdias irmãos de Chico Pereira voltam à Paraíba. João Pessoa continuava a luta nas fronteiras do estado. Grupos de cangaceiros alarmavam as cidades o que, segundo alguns, justificava a necessidade de uma intervenção

federal para suprir a ausência de autoridade nesses locais ameaçados pois com a polícia concentrada no bloqueio de Princesa, todo o Estado se encontrava desguarnecido.

Segundo Nóbrega (2002), Aproniano foi procurado na fazenda Jacu para acompanhar os policiais e conter uma invasão de cangaceiros que adentravam na cidade de Antenor Navarro. Não hesitando em negar ajuda, colabora para salvar a cidade. No auge do contentamento geral por parte da população, Aproniano é morto pelo tenente Renovato sem saber o motivo, este foi a última vítima da família pereira a ser destruído.

“Lá vão levando outro defunto para dentro de sua casa. Foi-se João. Foi-se Chico. Também Abdon. E agora vai Aproniano. Nem trinta anos têm e já dorme o sono da morte, abatidos pela ira que devora a família inteira. (idem, pag. 187) Essa era a consequência de Chico ter entrado no cangaço. Toda sua família envolvida em questões de vingança para não perder a honra da família Pereira.

Maria Egilda, a mulher forte que perdeu parte de sua família para os bandos de cangaceiros, foi encontrada morta. Na sua visita ao Presidente João Pessoa *havia dito: “quando eu morrer, podem escrever que foi por sofrer demais que Maria Egilda morreu”.* (idem, pag. 193)

Após os trágicos acontecimentos em sua família Jarda, que morava na casa dos pais, passara a se preocupar em educar, como podia seus três filhos os quais moravam em casas diferentes de modo que eles não vingassem a morte do pai. Sempre que podia, ia a cavalo vê-los para extrair do coração dos filhos qualquer sentimento de vingança que mundo tivesse suscitado. Diferentemente do que pensará seus filhos tornaram grandes homens. Raimundo tornou-se engenheiro, Francisco tornou-se padre e Dagmar sacerdote franciscano.

Abdias, irmão de Chico Pereira é considerado o homem enigma da família. Auxiliou Jarda no que podia a enfrentar todos os obstáculos que lhe cercava, e principalmente a construir um crescimento digno para seus sobrinhos, dedicando toda sua vida aos três. Casando-se com 52 anos de idade, depois de ver seus sobrinhos criados, se fazendo cumprir sua promessa que só casaria quando seus sobrinhos estivessem todos independentes. Tendo em vista que seu casamento foi realizado por Francisco Pereira da Nóbrega, autor de toda a obra.

Integrantes da família Pereira passaram a viver sem conflitos e perseguições. Os pensamentos dos herdeiros de Chico Pereira eram contraditórios aos seus. A vingança foi adormecida e a paz começou a renascer na família.

Foram muitos os sertanejos que entraram no cangaço e por motivos diversos. Existia o cangaço de vingança, conhecido como o mais comum. As informações sobre a vida de Chico

Pereira atribuem a esse o motivo a sua adesão e ingresso nos bandos de cangaceiros. Talvez, se a justiça tivesse cumprido suas leis diante dos bandidos da época, e não existisse o jogo de lealdade com os poderosos partidos políticos, a vida de Chico Pereira e de outros cangaceiros teriam tido o final diferente.

Sendo assim, concluo que Chico Pereira foi um representante natural do meio em que viveu pertencente a um estrato social de grupos de proprietários. É claro que o flagelo social, secas, deslocamentos e necessidades não o atingiram inteiramente como os demais sertanejos humildes e miseráveis da época, pois percebe-se na própria versão do livro *Vingança, não*, que não só Chico Pereira como toda sua família tinham posses e privilégios sociais próprios da época. Todavia ele como os demais homens pobres sertanejos compartilhavam os mesmos códigos morais e de honra, muito comum na sociedade tradicional do século XIX e XX. E eram justamente levados por esses motivos que os ânimos dessa sociedade quase sempre se alteravam. Era em momentos como estes que o poder dos senhores locais e de chefes políticos passavam a ser questionado.

O fim trágico e mal explicado de Chico Pereira e dos seus familiares, representou a chegada de novos tempos nos idos de 1930, nos quais começa-se a enxergar um movimento de ideias por parte das autoridades governamentais advindas da Frente Liberal no sentido propagar a passagem do Brasil à limpo combatendo as estruturas tradicionais de cultura e poder dentre estas o fanatismo religioso e o cangaço pondo fim a estilos de vida inadequados ao agora País moderno e bem estruturado socialmente. Essas ideias foram sendo colocadas divulgadas em meio a um mecanismo de vigilância e controle da sociedade, do mundo dos pobres e dos trabalhadores, seus valores seus costumes tradicionais. Intensificou-se o cerco de perseguição aos grupos de cangaceiros forçando seu fim que acontece a partir da desarticulação causada com a morte de Lampião e o que restava do seu bando na ocasião.

Essas “novas autoridades” construíram suas versões de bons e novos homens e suas imagens como combatentes do cangaço e das velhas autoridades que simpatizaram com esse fenômeno, se dizendo moralizadores, e bem feitores da ordem e da justiça do Estado. Ou seja, se apresentavam como não partidários, isentos do mando dos senhores locais, chefes políticos e antigos coronéis, que como eles controlavam praticamente toda sociedade economia e política da época. Percebe-se que princípios como esses talvez nunca tenham acabado totalmente, pois podemos notar no panorama paraibano, que esses poderes apenas se modificaram tomando outra forma, aperfeiçoando uma nova maneira de concentrar seu poder. Assim, também acontecia com as subordinações por parte do povo, que estão hoje com uma nova aparência e apenas algumas pequenas mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário chamar a atenção, para o fato de que esse projeto monográfico teve como objetivo principal fazer uma leitura da obra *Vingança, não* de autoria de Francisco Pereira Dantas, que narra à trajetória do cangaceiro nazarezinense Chico Pereira, figura marcante na história do sertão da Paraíba nos anos de 1918- 1928. Homem do seu tempo, esteve inserido nesse contexto do poder das oligarquias, tempo de rebeliões, de estiagens e conflitos sociais.

Entendemos assim, que outras possibilidades podem e estão abertas para novas narrativas sobre imagem do cangaceiro Chico Pereira. Desde aquelas fincadas no coletivo e imaginário popular de Nazareinho, até outras imagens construídas ao longo de sua trajetória e conhecimento pela Paraíba e pelos bandos. São como sabemos imagens múltiplas populares e impopulares que marcam sua saga no cangaço.

Algumas observações foram feitas a partir da leitura da obra *Vingança, Não* assim como tendo por base a leitura da historiografia clássica do cangaço feita para esse estudo. Dentre estas e uma que consideramos importante a ser revista pela história da temática é o fato que alguns episódios que levaram alguns sertanejos a exemplo de Chico Pereira a se encontrar com o cangaço não os torna legítimos representante desse movimento. No caso de Chico Pereira ele é mais um homem do seu tempo obediente as regras e padrões sociais do seu meio do que um “bandido” revoltado. Sua imagem de bom homem revela parte disso. Outra questão diz, respeito ao fato de que esse estudo inicial teve também como objetivo trazer para o campo do conhecimento histórica a memória da família Pereira, como uma homenagem à própria obra *Vingança, não*. Outrossim, objetivamos contribuir para a historiografia Paraibana, sertaneja e local sobre as relações de poder e posse na região e os conflitos sociais vivenciados ao longo dos tempos como o exemplo da ação dos cangaceiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J. A. de. **Discursos do seu Tempo**. João Pessoa. UPB, 1965.
- AMADO, Jorge. **Seara Vermelha (Romance)** 49ª Edição. Editora Record. Rio de Janeiro, 1999.
- BARROSO, Gustavo. **Almas de lama e de aço**. São Paulo: Melhoramentos, 1917.
- CARONE, Edgard. **A República Velha II (Evolução Política). Corpo e alma do Brasil**. 2ª Edição. São Paulo, Editora Difel, 1975.
- _____. **Revoluções do Brasil contemporâneo 1922 a 1938**. 4ª Edição. São Paulo, Editora Ática. 1989.
- CHIAVENATO, J.J. **As lutas do povo brasileiro: do descobrimento a Canudos**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1990
- CARDOSO, Daniela Cláudia Sperandir. **Historiografia e Cangaço: Uma Análise Introdutória**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Ituverava, 2014.
Disponível em:
<<http://www.dspace.feituverava.com.br/jspui/bitstream/123456789/103/1/DANIELA%20CL%20C3%81UDIA.pdf>> . Acesso em 30 de agosto de 2015.
- DÓRIA, Carlos Alberto. **O cangaço**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DUTRA, Wesley Rodrigues. **Teorizando O Cangaço: O “Rei Lampião” E A Questão do Banditismo Social** João Pessoa :[s.n], 209
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira**, 1972.
- FERREIRA, Lucia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria e da seca: o caso da Paraíba**. 1ª edição. João Pessoa, UFPB, 1993.
- FORTUNATO, Maria Lucinete. **O coronelismo e a imagem do coronel: de símbolo à simulacro do poder local**. Campinas – SP : [s.n.], 2000.
- GUALBERTO, João. **A invenção do coronelismo: ensaio sobre as raízes do imaginário político brasileiro**. Vitória: UFES, 1995.
- HOBSBAWM, E.. **Bandidos**. Trad. Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense, 1976.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de, **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- IANNI, Octávio. **Estado e planejamento econômico no Brasil: 1930-1970**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira - 1975

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico. **A Balaiada**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Uma política de coronelismo. 8º ed. São Paulo: Brasiliense, 1992

MENEZES, D.. **O outro Nordeste**: ensaio sobre a evolução social e política do nordeste da civilização do couro e suas implicações históricas nos problemas gerais. Rio de Janeiro: Arte nova, 1970.

MELLO, José Octávio de Arruda. História da Paraíba: lutas e resistência. 4º ed. – João Pessoa: UFPB / Editora Universitária, 1997.

MIOTO, CAMPOS, CARLOTO . Regina Célia Tamasso Mioto, Marta Silva Campos, Cassia Maria Carloto, (orgs) **Familismo, direito e cidadania**. [livro eletrônico]: contradições da política social – São Paulo: Cortez, 2015.

MILITÃO, Marcello André. **Poque Virgulino tornou-se Lampião**: uma análise das relações de poder no nordeste brasileiro durante a primeira república. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em história - UFPR) – Curitiba, 2007.

Disponível em:

<http://www.historia.ufpr.br/monografias/2007/2_sem_2007/marcello_andre_militao.pdf>

Acesso em 30 de setembro de 2015.

NÓBREGA, F. Pereira. **Vingança, não: Depoimentos sobre Chico Pereira e cangaceiros do nordeste**. João Pessoa, 1989. 3º Edição.

OLIVIERI, A.C. **O Cangaço**: guerras e revoluções brasileiras. 3 Ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

OTAVIANO, Manuel. **A Coluna Prestes na Paraíba; os mártires de Piancó**. 2ª Edição. João Pessoa, Editora acauã, 1979.

PAIVA, Melquíades Pinto, **1930 – Ecologia do Cangaço**. Rio de Janeiro: Intenciência, 2004.

QUEIROZ, Maria Isaura de. **História do Cangaço**. 5 ed. São Paulo, Global. 1997

_____. **Os Cangaceiros**. São Paulo: Livraria duas Cidades. 1977.

_____. **O Mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfa-Omega, 1976

REVISTA MNEMOSINE. Programa de Pós-graduação em História/UFCG Vol. 4 – nº 1 Jan/Jun 2013.

Disponível em:< <http://www.ufcg.edu.br/~historia/mnemosinerevista/volume2/nordeste-coisas-cinema/Mnemosine-Revista-20131.pdf>> . Acesso em 12 de setembro de 2015.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **O Cangaço nas histórias em quadrinhos**. Diálogos Latino americanos, n. 008, p. 49-75, 2003.

_____. **Memórias de um "Tempo Brabo"**: o cangaço na literatura de Francisco JC Dantas. 2010.

SILVA, José Maria de Oliveira. **Rever Canudos: Historicidade e Religiosidade Popular (1940-1995)**. São Paulo, FFLCH/USP, 1996 (mimeo.)

SOARES, Paulo Gil. **Vida, paixão e mortes de Corisco, o Diabo Louro** . Porto Alegre. LePM Editores, 1973.

SOUSA, Silvana Vieira de. Igreja Romanizada: **Perseguição e Desqualificação de Beatos e Conselheiros**. In: CEBALLOS, Viviane Gomes de e ett all. Nordeste E Nordestinidades: História, Representações e Religiosidade. Pp.77-90.

THOMPSON, E. P. **Patrícios e plebeus**. In: *Costumes em comum*. São Paulo:Companhia das Letras, 1998.